

**UNIMONTES – Universidade Estadual de Montes Claros  
Centro de Ciências Humanas  
Departamento de Filosofia  
Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em  
Filosofia UFPR – Núcleo UNIMONTES**

***VISITAÇÃO E ENCONTRO: UMA ABORDAGEM DO ENSINO  
DE FILOSOFIA À LUZ DO PENSAMENTO DE EMMANUEL  
LÉVINAS***

**Montes Claros – MG  
2018**

**FREDERICO NERI ALVES**

***Visitação e Encontro: Uma Abordagem do Ensino de Filosofia À  
Luz do Pensamento de Emmanuel Lévinas***

Dissertação apresentada ao Núcleo Prof-Filo.  
UNIMONTES, como pré-requisito para a obtenção do  
título de Mestre em Filosofia. Área de Concentração:  
Ensino de Filosofia. Linha de Pesquisa 1: Filosofia e  
Ensino.

Orientador: Dr. Antônio Alvimar Souza.

**Montes Claros – MG  
2018**

“Encontrar um homem é ser despertado por um enigma”.

## **Agradecimentos**

A gradeço primeiramente a Deus que sempre esteve presente nesta trajetória.

A minha esposa Marcia, pela compreensão e carinho.

Ao meu orientador Dr. Alvimar, digníssimo Reitor desta instituição que é referencia, pelos ensinamentos e pela possibilidade deste feliz encontro.

Aos professores do Prof.Filo – Núcleo UNIMONTES. Pelas reflexões e ensinamentos sobre o Ensino de Filosofia.

Aos Colegas da Primeira Turma, pelo companheirismo e partilha de conhecimentos.

Ao Marcinho, primo, pela acolhida e hospitalidade nas idas e permanências em Montes Claros.

Aos meus alunos da E. E. Sant'Ana, pelas reflexões sobre o Ensino de Filosofia.

Aos meus colegas professores da E.E. Sant'Ana, pelas nossas conversas sobre nosso ato de ensinar. Bem como a toda Comunidade Escolar da presente instituição.

A todos que de uma forma ou de outra colaboraram neste processo os meus sinceros agradecimentos.

## Sumário

<b>Introdução</b>	<b>8</b>
<b>Capítulo 1 A Sala de Aula: Lugar da Visita e do Encontro</b>	<b>11</b>
1.1 O Outro	13
1.2 O Mesmo	16
1.3. Desejo	17
1.4 O Rosto	22
1.5 O Vestígio	30
1.6 A Visitação	37
1.7 O Encontro	41
<b>Capítulo 2 O Ensino de Filosofia no Ensino Médio: Dificuldades e Itinerários</b>	<b>48</b>
2.1. Dificuldades	48
2.2. Itinerários	53
<b>Capítulo 3 Proposta para a Utilização da Abordagem Lévinasiana no Currículo de Filosofia no Ensino Médio</b>	<b>57</b>
3.1. A Visitação	57
3.2. A Possibilidade do Encontro	59
<b>Considerações Finais</b>	<b>63</b>
<b>Referências</b>	<b>65</b>

## RESUMO

### ***Visitação e Encontro: Uma Abordagem do Ensino de Filosofia À Luz do Pensamento de Emmanuel Lévinas***

Muitos têm pensado a sala de aula como um laboratório e os educandos como tubos de ensaios a serem utilizados em “experiências educacionais”, que, se forem frustrantes, deverão ser descartadas o mais rapidamente possível. Esse projeto, intermediado pelos conceitos propagados pelos positivistas e iluministas, continua a marcar o cenário da educação nos nossos dias, seja em nosso país ou num dos seus Estados. São tantos os projetos e intervenções que são providos no âmbito da educação estadual que, por vezes, retiram dos professores, os que possuem menos aulas semanais, o direito de fechar os conteúdos básicos de sua disciplina. É com esse fenômeno que se depara o educador em Filosofia do Ensino Médio.

Por outro lado, boa parte dos educandos não se sente atraída pela Filosofia, seja por pensar que é uma disciplina desnecessária e que só está presente no currículo escolar para completar as horas aulas ou por ter contato com ela só a partir do ensino médio. Falta um contato maior com a necessidade de refletir de forma crítica e objetiva. Deve-se lembrar, nesse momento, da forma como a Escola funciona. São tempos em que a tecnologia da informação, nos seus mais diferentes aspectos, promove grande revolução social.

Nesse contexto, Lévinas vem colaborar, e muito, com a reflexão posta sobre a importância do Ensino de Filosofia. Ele aponta a ética como a Filosofia Primeira, apesar desse filósofo não ter escrito nenhuma obra sobre o Ensino de Filosofia ou sobre a educação. O seu projeto filosófico é permeado por nuances que direcionam a uma nova forma de ensino-aprendizagem.

**Palavras-Chaves:** Filosofia do Ensino de Filosofia, Alteridade e Educação, Emmanuel Lévinas.

## ABSTRACT

### ***Visitation and Encounter: An Approach to the Teaching of Philosophy in the Light of Emmanuel Lévinas's Thought***

Many have thought of the classroom as a laboratory and the students as test tubes to be used in "educational experiences", which if frustrating should be discarded as soon as possible. This project, intermediated by the concepts propagated by the positivists and the Enlightenment, continues to mark the scenario of education in our days, whether in our country or in the State. There are so many projects and interventions that are provided within the scope of state education that sometimes take from those teachers who have fewer weekly classes the right to close the basic contents of their discipline. It is with this phenomenon that the educator in Philosophy of the Secondary School.

On the other hand, many of the students do not feel attracted to Philosophy, either because they think it is an unnecessary discipline that is only present in the school curriculum to complete the classes, or because they have contact with it in high school, greater contact with the need to reflect critically and objectively. We must remember at the moment how the School works, in times when information technology in its most different aspects, promotes a social revolution.

In this context Lévinas has much to contribute to the reflection posed on the importance of Teaching Philosophy, in pointing to the ethics as the First Philosophy, although this philosopher did not write a work on the Teaching of Philosophy or on education. His philosophical project is permeated by nuances that point towards a new form of teaching-learning.

Keywords: Philosophy of Teaching Philosophy, Alterity and Education, Emmanuel Lévinas.

## Introdução

Ao fazer uma reflexão sobre o Ensino de Filosofia no Ensino Médio, a presente pesquisa foi dividida em três capítulos, a fim de facilitar a abordagem para quem ainda não está inserido no processo de ensino-aprendizagem no contexto da sala de aula. Compreender a importância do Ensino de Filosofia para o Ensino Médio não é uma tarefa fácil! Muitas vezes, o educando vem para a sala de aula com várias ideias sobre temas com os quais está pouco familiarizado, especialmente na atualidade onde o acesso à internet promove uma rápida chegada às informações. As dificuldades a uma real assimilação dos conceitos propriamente filosóficos então se apresentam. Ainda existem aqueles que pensam que a Filosofia é uma disciplina sem necessidade ou muito abstrata na abordagem dos seus temas.

O Ensino de Filosofia no Ensino Médio é o principal problema da prática educacional do professor da disciplina. A busca pela adequação do Conteúdo Básico Comum (CBC) à realidade do educando é uma constante no exercício da docência. A sala de aula ainda não é mais uma *Ágora*, a praça pública grega onde os Filósofos discutiam os seus temas e transmitiam suas reflexões a seus adeptos; é um laboratório onde experimentos são construídos e, por vezes, ocorre uma dissonância entre Educador-Tema-Educando.

Nesse contexto, Lévinas tem muito a colaborar com a reflexão posta sobre a importância do Ensino de Filosofia, ao apontar a ética como a Filosofia Primeira. Esse filósofo, no entanto, não escreveu uma obra sobre o Ensino de Filosofia ou sobre educação. O seu projeto filosófico é permeado por nuances que apontam em direção a uma nova forma de ensino-aprendizagem.

No primeiro capítulo, a reflexão é centrada no contexto das dificuldades encontradas pelo educador de Filosofia no ambiente próprio da sala de aula. É notório por todos, o descaso que há em relação ao Ensino de Filosofia e, de modo mais acirrado, no ensino de temas próprios dessa disciplina no Ensino Médio. Para muitos, são temas abstratos e sem nenhuma relação com a vida e formação das pessoas. Mesmo para o processo de apreensão da realidade, a Filosofia, para



muitos, tem pouco a oferecer, numa flagrante demonstração de desconhecimento da tradição do pensamento Ocidental que permeia todas as estruturas da realidade em que se está apoiado culturalmente. Ou desconhecem o sentido amplo da existência social ou da tomada de consciência (conscientização). Há muitos que pensam que a aquisição de habilidades em Filosofia está relacionada com um grupo seletivo de homens eruditos. Outro ponto a ser relatado é o processo de ensino-aprendizagem da História da Filosofia. Ninguém escolhe o que não conhece, por isso é necessário para o jovem ter a oportunidade de saber o que ela é, qual é a sua proposta, seus sentidos, seus significados e quais problemas humanos procurou e procura responder. A sala de aula é um lugar privilegiado para fomentar o gosto pelo conhecimento e para dedicação à pesquisa.

No segundo capítulo, inicia-se a reflexão sobre os conceitos propriamente levinasianos que podem auxiliar o ensino de filosofia no Ensino Médio, introduzindo o leitor na filosofia de Lévinas. Assim, o embasamento científico do presente Projeto de Pesquisa está centrado na obra: *Descobrendo a Existência com Husserl e Heidegger*. Em particular, os textos: *O vestígio do Outro*; *Enigma e Fenômeno*; *Linguagem e Proximidade*, presentes na parte *Ensaio Breves*. Esses demonstraram conceitos levinasianos de Visitação, Encontro e sobre o Outro. Apontam para sua relação no processo de acolhimento da alteridade e o estabelecimento da ética da responsabilidade que surge com a fenomenologia do rosto.

A abordagem fenomenológica de Lévinas, sobre a Visitação e o Encontro com o Outro, é referência que norteia uma revisão nos modos como o Ensino de Filosofia é apresentado pelos educadores. A Filosofia no currículo, para o educando, parece estar ali como uma disciplina que preenche uma lacuna e não uma disciplina que sirva para a formação da sua compreensão e apreensão do mundo.

O terceiro capítulo é o centro da pesquisa. Aqui, a reflexão se assenta na utilização dos termos levinasianos no contexto do Ensino de Filosofia. Dessa forma, existe um desejo da Filosofia em visitar o educando no seu processo de aprendizagem, propiciando um encontro - tão necessário - para a formação da consciência dos jovens no futuro, de modo particular, na apreensão de sua história. Um território fértil se abre para ambas as partes. O educando passará a compreender em que solo estará enraizado e, para a História da Filosofia, a possibilidade de fazê-lo sair do que o acompanhava até então; o descobrir no outro os vestígios de um homem para além de si mesmo. O mesmo na compreensão

filosófica de Lévinas aponta para o centramento egológico do Eu em permanecer em si, impedindo a possibilidade do Encontro. Ao mesmo tempo, muita pesquisa sobre a relação da obra de LEVINAS com a pedagogia e a Educação, de modo mais geral, tem sido produzida no Brasil e no exterior, como pode ser percebido com a proposta da Pedagogia do Êxodo. Apesar disso não fazer parte do objetivo da presente pesquisa, citando-o apenas como forma de confirmar o desenvolvimento de uma proposta lévinasiana para a Educação. O ensino de Filosofia é também uma reflexão filosófica, pois é necessário levantar dados, proceder a leituras de textos filosóficos ou relacionados com o tema abordado.

Dessa forma, a sala de aula seria o lugar da Visitação e do Encontro entre dois mundos até então díspares, o educando e a disciplina de Filosofia. Ao mesmo tempo, apontaria para a Ética da Responsabilidade, bastando para tanto, fazer o movimento tão comentado por Lévinas: o encontro entre o Ocidente e o Oriente. A tradução do grego para Filosofia é: “Amor pela Sabedoria”; já o hebraico - escrito da direita para a esquerda - linguagem original de Lévinas, a traduz como “Filosofia do Amor”. É, desse modo, que a maturidade intelectual começa a ser formada. Não existe uma verdade pronta e acabada, mas está em processo de apresentar-se ao mundo. No próprio contexto de sua origem etimológica, verdade em grego se diz **alétheia**, desvelamento e é uma possibilidade do *encontro* entre o educador de Filosofia e do educando, estabelecendo o diálogo (Visitação), ou seja, “estar face-a-face com o outro”. Fato tão necessário para a edificação de uma pessoa que está prestes a sair de sua *menoridade*, no sentido kantiano do termo, assumindo os riscos de sua autonomia. Pensar livremente não é uma tarefa fácil, mas se esse pensar se estrutura sobre os conceitos refletidos dentro da tradição filosófica, com toda certeza, terá maior clareza.

## **Capítulo 1**

### **A Sala de Aula: Lugar da Visitação e do Encontro**

Muitos têm pensado a sala de aula como um laboratório e os educandos como tubos de ensaios a serem utilizados em “experiências educacionais” as quais, se forem frustrantes, deverão ser descartadas o mais rapidamente possível. Esse projeto, intermediado pelos conceitos propagados pelos positivistas e iluministas, continua a marcar o cenário da educação nos nossos dias, seja em nosso país ou no Estado. São tantos os projetos e intervenções que são providos no âmbito da educação estadual que por vezes retiram daqueles professores que possuem menos aulas semanais o direito de fechar os conteúdos básicos de sua disciplina. É com esse fenômeno que se depara o educador em Filosofia do Ensino Médio.

Por outro lado, boa parte dos educandos não se sente atraída pela Filosofia, seja por pensar que é uma disciplina desnecessária e que só está presente no currículo escolar para completar as horas aulas ou ainda por ter contato com ela só no ensino médio, falta uma necessidade maior de refletir de forma crítica e objetiva sobre o conteúdo a ser trabalhado. Deve-se lembrar, nesse momento, da forma como a Escola funciona nesses tempos em que a tecnologia da informação, nos seus mais diferentes aspectos, promove uma revolução social.

A maioria dos nossos educandos são nativos digitais, nascidos e convivendo com a realidade virtual e suas bases de redes interconectadas. “*A verdadeira experiência deve até conduzir-nos para lá da Natureza que nos rodeia, à qual não tem ciúmes dos maravilhosos segredos que guarda e verga-se de convivência com os homens, às suas razões e invenções*”<sup>1</sup>, cuja característica principal é a hipervelocidade, a rapidez nos acessos à informação. Assim, a sala de aula - com pouco avanço - tem pretendido, na atualidade, atingir tais acessos, pois ela ainda se caracteriza como escola do século XVIII.

---

<sup>1</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Descobrendo a Existência com Husserl e Heidegger*. 201p;

Deve-se pensar em uma proposta mais eficiente que venha reconfigurar o espaço da sala de aula enquanto lugar de acolhimento, visitação e encontro. São nos encontros que se amplia os conhecimentos, satisfazem-se as fomes e as sedes por mais conhecimentos, lembrando que se no Período Antigo a  gora é o espaço da filosofia e do processo do filosofar, no período contemporâneo ele se dá nos caf s, ambientes que comportam essa característica marcante, positiva ou negativamente, de lugar do encontro. Por isso é importante refletir sobre os conceitos centrais da filosofia lévinasiana, que são: o *Outro*, o *Mesmo*, o *Desejo*, o *Rosto*, o *Vestígio*, a *Visitação* e o Encontro, os quais facilitaram a compreensão dos temas propriamente L vinasianos que servirão como base para o Ensino de Filosofia que tenha como fonte a *alteridade*. Evidentemente que a acolhida da *alteridade* não é uma tarefa fácil, particularmente em uma sociedade narcisista, ainda marcada pelos moldes do egologismo<sup>2</sup>. E quando os padrões de pensamento são moldados por suas estruturas, “*em compensa o, a situa o em que não se está sozinho não se reduz ao feliz encontro de almas fraternas que se saudam e conversam. Esta situa o   consciência moral – exposi o da minha liberdade ao juízo do Outro*”<sup>3</sup>.

A necessidade de romper com as amarras do egologismo leva para uma reflexão mais frontal sobre o próprio ato de ensinar a Filosofia e sobre a que bases deverá estar assentada. Deve-se, primeiramente, entrar no processo de ir ao encontro do outro, do mesmo modo como ao visitar um amigo vai-se ao seu encontro; sendo assim o eu é quem toma a iniciativa de sair do seu lugar. “*A Obra pensada radicalmente  , com efeito, um movimento do Mesmo em dire o ao Outro, que nunca volta ao Mesmo*”<sup>4</sup>. Essa a o é por demais necessária em nossos dias. Não é o educador o possuidor do conhecimento, mas   ele o mediador – ou indicador se preferir – dos conceitos existentes nos educandos que necessitam de serem mais refinados afim de tomarem o corpo correto para o seu entendimento. Talvez a velocidade hipermoderna da apropria o desse conceito seja o ponto determinante de sua compreensão mal formulada.

Descentrar-se do seu egologismo e iniciar uma verdadeira aventura de ir ao encontro do outro, independente do resultado alcançado, é a nova possibilidade

---

<sup>2</sup> Conceito produzido por Lévinas para definir algo centrado no EU;

<sup>3</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Descobrimo a Existência com Husserl e Heidegger*. 216p;

<sup>4</sup> *Ibidem*, 232;

para o educador de filosofia. “Ao mito de Ulisses que regressa a Ítaca, gostaríamos de opor a história de Abraão, que abandona para sempre a sua pátria por uma terra ainda desconhecida e que proíbe ao seu servidor reconduzir até o seu filho a esse ponto de partida”<sup>5</sup>. Essa é uma ação para além das suas possibilidades, não que ele, professor, não esteja preparado para ela (ação), mas, pelo contrário, por não possuir o domínio sobre o resultado dessa ação. “A Obra pensada até ao fim exige uma generosidade radical do Mesmo que na Obra vai em direção ao Outro. Ela exige, por conseguinte, uma ingratidão do Outro. A gratidão seria precisamente o regresso do movimento a sua origem.”<sup>6</sup>

Uma marca sempre mais presente nos dias atuais são os desencontros. Esses se iniciam já na família. Muitos educandos se desencontram com um dos seus pais ou com ambos, isso em plena infância. Na escola também não é diferente, ainda não se possui uma forma de identificar os reais motivos do baixo rendimento dos educandos. É um estigma que pode ser um fenômeno que venha a dificultar as possibilidades dos bons encontros, aqueles que produzem a troca de conhecimento mediante os diálogos possíveis.

A liberdade do ser só é cerceada pelo encontro com o outro que se manifesta por sua aproximação e pela expressão facial. O rosto do Outro promove uma ruptura na concretude do mundo. E nessa concretude, nessa dureza que é a existência, a face do outro é nua, despojada de qualquer posse. Assim, a feição é um fenômeno de abertura, é ela que diz que não se está só no mundo. E que, sim, você é para o Outro.

## 1.1. O OUTRO

A perspectiva lévinasiana sobre o *outro* é de fundamental importância para a construção fenomenológica do *rosto*, pois, “os fenômenos só têm sentido dentro de um sistema de referência”<sup>7</sup>. Essa referência, que é captada na relação

<sup>5</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Descobrendo a Existência com Husserl e Heidegger*. p.232

<sup>6</sup> Idem;

<sup>7</sup> BUCKS, René. *A Bíblia e a Ética*. Loyola, São Paulo. 2000. p. 109.

com o outro, Lévinas entende como *Obra*. É nela que o *outro* é atingido sem ser tocado. O *outro* não se deixa tocar por possuir uma característica que o permite fugir a qualquer sinal de domínio e autocontrole. Essa característica é abordada por Lévinas como *ideia de infinito*, que é a ideia de Deus em nós, segundo a perspectiva lévinasiana. Assim, percebe-se, que a filosofia ocidental não conseguiu sair da armadilha posta pela própria tradição em seu itinerário, que se declara tratar do ser, quando na verdade confunde ser e ente.

Para Lévinas o ser é uma palavra muito dura, pois traz consigo o concreto deste estar no mundo e procura, com sua reflexão, inserir outras categorias - além das comumente utilizadas - objetivando se livrar da reflexão ontológica que Lévinas denomina de *Pré-Filosófico* e que, na verdade, são termos retirados da tradição Judaica, como por exemplo: *Eleição, Diaconia, Liturgia*, entre outros. Logicamente não é uma tarefa fácil em *Totalidade e Infinito*. Ela ainda utiliza da ontologia para escapar da linguagem psicológica. Entretanto, o próprio Lévinas afirma: “A linguagem ontológica empregada na obra *Totalidade e Infinito* não é uma linguagem definitiva”<sup>8</sup>, a que se vem afirmando a possibilidade da transcendência em se fazer sentir na imanência, vinda a partir do outro que se aproxima de uma dimensão de *altura*<sup>9</sup>. Esta não está relacionada com a posição vertical do corpo humano, mas por uma postura transcendental em relação ao mundo.

Em seguida insere o sentido de *desejo metafísico*, esse propicia a ida de um em direção ao *outro*. A questão se mantém em toda a tradição metafísica ocidental. No entanto, há na atualidade, um desmerecimento dessa possível construção filosófica, quando algumas vezes se tem anunciando a morte ou superação da metafísica como um argumento plausível: “O itinerário da filosofia permanece sendo aquele de Ulisses, cuja aventura pelo mundo nada mais foi que um retorno a sua ilha natal – uma complacência pelo mesmo, um desconhecimento do outro”.<sup>10</sup> Nessa citação, Lévinas demonstra que o papel da ontologia é o de impedir uma aventura verdadeira em direção ao *outro*, por isso, continua presa ao *Mesmo*. Adquire um medo de correr o risco de se soltar em direção a novas paragens. Assim, o que seria uma aventura, acaba se tornando uma recordação

<sup>8</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *De Deus que Vem À Idéia*. p.119.

<sup>9</sup> Este conceito é retirado da obra *A República*. Livro VII – 529b. Literalmente: “Sou incapaz de admitir que haja outro estudo que faça a alma olhar para o alto, a não ser o que se refere ao real e ao invisível”. Cf. LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. p. 22.

<sup>10</sup> Lévinas. *Humanismo do Outro Homem*. p .50.

cujo ponto de chegada é a mesma realidade demonstrada com nomes diferentes para encobrir-lhe o sentido verdadeiro. Não estamos, com essa reflexão, propiciando uma discussão sem sentido, que deveria ser tomada como verdadeira, mas dentro de um sentido plausível que abarque novas categorias. “*Notemos em primeiro lugar, que essa ambiguidade parece responder a um certo espírito filosófico que se compraz num éter não polarizado*”<sup>11</sup>.

Anuncia então, Lévinas, uma orientação que possa produzir a direção correta, a abordagem filosófica do outro. A reflexão propõe se direcionar para o *outro* modo de ser da realidade e o abandono do *Mesmo*, afirmando a sua alteridade que fora negada pela ontologia. “*A filosofia produz-se como uma forma sob a qual se manifesta a recusa de engajamento no outro...*”<sup>12</sup>.

Provocando uma evasão -do que é idêntico no *eu*- Lévinas, afirma essa saída com o *Mesmo*, indo ao encontro do *outro*; aponta assim, para uma liberdade que se encontra no mesmo e que impulsiona para o outro sem, no entanto, petrificá-lo.

Fazer desse um servo que atenda aos meus pedidos e que me obedeça sem restrições, “*não pode ser posta, senão, como um movimento que vai para fora do idêntico, para um outro que é absolutamente outro*”<sup>13</sup>. Este movimento é denominado de *obra*, como foi citado anteriormente.

Pacientemente e sem se mostrar interessado pelo resultado, o filósofo vai pouco a pouco direcionando o seu produzir filosófico para o *outro*, abandonando as abordagens da neutralidade e petrificação. Ao mesmo tempo que querer apreender o *outro* intelectualmente é uma violência. A ingratidão do *outro* garante que o movimento da *obra* não se dê no *mesmo*, tornando-se assim uma transcendência pelo avesso! A *violência* aqui não significa no sentido corrente, de agressão verbal, moral ou corporal, mas no sentido Lévinasiano. Ela vem a ser a atitude ontológica de reunir todos os entes e seres dentro de um mesmo sistema: “*Violência significa aprisionar todos os entes, diferentes entre si, numa generalização que os condiciona e os condena a ‘não poder deixar de ser’, a ‘não poder ser outro’ e a ‘não poder ser diferente’.*”<sup>14</sup>

<sup>11</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. p. 49.

<sup>12</sup> *Ibidem*. p.50.

<sup>13</sup> *Idem*.

<sup>14</sup> COSTA, Márcio Luiz. *Lévinas: Uma Introdução*. p. 119.

## 1.2. O MESMO

Um retorno do movimento a sua origem impossibilitaria a epifania do *outro*. O movimento voltaria *para si mesmo*, isso, quando se pretende chegar ao fim do processo. E é esta a característica do *Mesmo*, na pretensão de abordar o *ser*, relata, na verdade, sobre o *para si mesmo*.

Descartar a tradição ontologista para se colocar no extremo oposto, isto é, na análise fenomenológica da temporalidade e da transcendência do *ser*, é um percurso árduo, pois age a partir de outras categorias como a *paciência* e a *renúncia* e descarta toda a reflexão do *mesmo* – do *para si* – não é fácil.

A *paciência* aponta para um tempo que não é determinado pela existência do eu. A *renúncia* quando levada ao extremo toma o significado de se mover uma ação sem esperar pela participação no resultado:

*“Enquanto orientação absoluta em direção ao outro – enquanto sentido – a obra só é possível como paciência, a qual levada ao extremo, significa para o agente: renunciar a ser contemporâneo do resultado, agir sem entrar na terra prometida”<sup>15</sup>.*

Essa relação do *mesmo* em direção ao *outro* é caracterizada pela entrada em um tempo que não é o meu, vislumbrando um horizonte, para além do horizonte do meu tempo, um tempo e um mundo sem mim (moi). Esse é o significado de agir sem entrar na terra prometida.

É uma ação na qual a presença do eu não é fator determinante para um tempo futuro e indiferente à morte. “O futuro em favor do qual tal ação age, deve, de imediato, ser posto como indiferente a minha morte”<sup>16</sup>. E é nesse sentido que se dá a passagem do tempo para mim, para um tempo sem mim. Um tempo que se concretiza depois do meu, que não para na minha morte e extrapola, nesse contexto, a duração do *eu*, que é a passagem ao tempo do *outro*:

<sup>15</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. p. 52.

<sup>16</sup> *Ibidem*. p. 52



Essa relação se dá na medida em que se escuta o apelo do *outro* miserável que se vê à frente. O outro deveria receber uma atenção toda especial. Lévinas denuncia essa característica da atualidade, na qual se centra em si mesmo, no próprio conforto e bem-estar, pouco se importando com o outro. Pelo contrário, o domínio do eu sobre o outro é demonstrado pelo acesso às novidades tecnológicas, em detrimento do conhecimento do outro.

Pontua o Filósofo para uma característica mais refinada da nossa época, que subjaz no substrato do real que nos é apresentado, ou seja, a superação de si mesmo em que se requer a epifania do outro:

*“Nossa época não se define pelo triunfo da técnica pela técnica, como não se define através da arte pela arte, e nem se define pelo niilismo. Ela é ação por um mundo que vem, superação de sua época – superação de si mesmo que requer a epifania do outro.”<sup>17</sup>*

Não se possui controle da ação, a ponto de saber que resultado será obtido no futuro, a partir da forma de agir do eu no cotidiano de sua existência. Anteriormente, viu-se que a ação é despretensiosa e, talvez, nem mesmo se participe desse porvir. Existe a certeza que se deve buscar o *outro* e fugir do *mesmo*, a fim de que a novidade se anuncie. A novidade do *desejo pelo outro*.

### 1.3. DESEJO

A análise do *desejo* que Lévinas introduz, na seção primeira no sétimo ponto, principia com a noção de *liturgia*. Aqui, o termo não se vincula a uma religião positiva, mas a um trabalho voluntário. Ação desinteressada da ‘*obra*’, que busca atingir o seu fim. Significa fugir do mesmo em direção ao outro.

Essa fuga não se dá por carência, nem mesmo por uma dependência. Dá-se no ser já satisfeito, que não deseja para si, que não quer se encaramujar, ao mesmo tempo que não é puramente erótico, ou seja, o desejo do outro para a

---

<sup>17</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. p. 53.

satisfação das necessidades do eu, ou para dominá-lo ou ainda para fazê-lo coisa, negando sua personalidade e sua epifania:

*“Contrapomos o desejo pelo outro que procede de um ser já satisfeito e, neste sentido, independente e que não deseja para si mesmo, que segundo a fórmula estoica, se caracteriza pela ormh (impulso: desejo; ardor; instinto N.T.) – ou pela tendência de persistir no seu ser..”<sup>18</sup>*

O *desejo* vai em direção àquele que não tem mais necessidades e promove não a satisfação do eu, mas uma fome insaciável. Nenhum nem o outro tem qualquer necessidade a ser satisfeita, *“Desejo do outro, como necessidade daquele que não tem mais necessidades.”*<sup>19</sup>

O *desejo* do *eu* impulsiona para o *Outro*, mesmo que de certa forma ele venha a não se importar, pois não se faz esse evento na reciprocidade. O *outro* vem de uma dimensão originária como palavra anterior ao ser, ser.

A sincronicidade dá, neste momento, espaço para a *diacronicidade*, ou seja, o sujeito não tem que esperar pela positividade *do ir* em direção ao *outro*, muito menos esperar por sua afabilidade e por sua adesão imediata ou posterior. A ação do *outro* não espera por uma resposta do sujeito. É um movimento que provoca um resultado inverso do que se pretendia, pois é do *outro* que vem a fundação originária. Ele não é uma significação cultural, nem é um dado. Ele não promove a entrada de um sujeito na sociedade, mas é ele sentido. Conferindo a própria expressão: é a ele que comunicamos. O *outro* vem por detrás da realidade.

É importante afirmar que o *desejo* não é um interesse. Para Lévinas é mais importante pensar ao nível do *desinteresse*. De certa forma, o *desinteresse* obriga a não se impor ao *outro*, senão haveria a manifestação do *Mesmo* com imposição e violência. O *Mesmo* dominaria o outro evitando o *frente a frente*, o olho no olho, por isso *“Esta presença consiste em vir a nós, em fazer entrada...”*<sup>20</sup>. Lévinas chama promover uma abertura na concretude da realidade, desgastando a sua dureza e conduzindo para o que está por detrás da realidade de *desejo metafísico*, diferenciando-o de outras formas de desejo. Esse é mais sutil e promove uma realidade menos densa.

<sup>18</sup> Ibidem. pp. 55-56.

<sup>19</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. p. 56.

<sup>20</sup> Ibidem. p. 58.

Pode-se livrar o ser humano do peso do ser que sempre lhe impõe violentamente uma realidade que não é a sua, percebendo-se claramente uma nova orientação que conduz para uma *visão* do *eu* fora da realidade concreta que o *eu* dominaria. Ao despertar uma forma diferente de consciência que se liberta da coincidência do *Mesmo*, consigo próprio, põe-se em evidência a crítica lévinasiana da intencionalidade. Em Lévinas, a consciência não dá mais conta do outro que lhe escapa.

Há a identificação entre o *eu* e a *moralidade*. O *eu* diante do *outro* é infinitamente responsável e servo, em vez de senhor:

*“Descobrir para o Eu (Moi) uma orientação assim, é identificar Eu (Moi) e moralidade. O Eu (Moi) diante do outro é infinitamente responsável. O outro que provoca este movimento ético na consciência, que desordena a boa consciência da coincidência do Mesmo consigo próprio, comporta um excesso inadequado à intencionalidade.”<sup>21</sup>*

Esse movimento ético do *eu* diante do *outro* que propicia o movimento reto e verdadeiro é este: *“impulsionado pelo desejo, toma dimensão de humanidade no amor ao outro, mesmo que seja privado de reciprocidade, mesmo que o outro me queira mal.”<sup>22</sup>*

Com essa categoria do *amor*, Lévinas inverte a antiga tradução da palavra filosofia (amor pela sabedoria) em *sabedoria do amor*. O mesmo autor em outra passagem diz que, *“mesmo que não haja agradecimento; trata-se de responder a um imperativo.”<sup>23</sup>* Não há necessidade de esperar por uma ação boa do *outro*. O retorno da ação, uma reciprocidade da ação, não é o mais importante nesta etapa. Ela tem que ser *desinteressada* e ausente de qualquer espera pela cordialidade do outro. Rompe, dessa forma, com a atitude *ego lógica* que sempre tem a primazia sobre o resultado de qualquer evento.

Essa é a desigualdade do *Eu* e do *outro*. Não há importância para com a reciprocidade porque ela imporia o retorno do *Mesmo*. Haveria algum lugar onde o *outro* não teria privilégio sobre o *Eu*? E que lugar seria esse? Onde a ontologia não mantém sua comprovação? Esse lugar para o qual o *desejo* aponta é o originário, anterior à criação. Um lugar onde o homem experimentaria o vazio absoluto do antes da criação. *“O homem seria jogado num anonimato tenebroso, no terror do*

<sup>21</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. p. 62.

<sup>22</sup> Bonamigo. *apud* SÍNTESE, nº102,2005. p. 89.

<sup>23</sup> *Ibidem*. p. 89.

*sentir a despersonalização*<sup>24</sup>. Essa experiência Lévinas designa *il y a*.<sup>25</sup> É o horror de ser. A existência humana é o lugar privilegiado onde o ser se ilumina, ela se dá no mundo em meio à variedade de entes. “*Entretanto, há um lugar privilegiado onde o ser ilumina: a existência humana, que é essencialmente ‘compreensão do ser’.*”<sup>26</sup> Porém, só o ser humano reflete sobre o seu estar no mundo e pode ser que chegue à *angústia*, aqui não compreendida como categoria psicológica, um vazio existencial, uma experiência de solidão. Percebe-se que serve para os outros entes e não para o ente humano. Ele nota que não está sozinho no mundo, mas faz parte da humanidade.

A diferença é que para Lévinas, o homem encontra já aqui, nessa existência, a *transcendência* do ser, já anunciada pelo *desejo*. Esse movimento para *além do ser*, que vem pela dimensão de *Altura* que se abre no *rosto*, inserindo o que está além da realidade, chama-se *outro* por Lévinas. Nessa passagem, a qual Lévinas toma para esboçar o sentido de *desejo do Absolutamente Outro*, e - no caso - grafado com maiúsculo, deixa-se entrever ser essa a busca mais importante; a que ultrapassa as fronteiras do mundo, em uma aventura que se desprende da ontologia e suas determinações, pois se o ser que deseja for mortal e o desejado invisível, esta será a elevação da *altura* a sua nobreza: “*morrer pelo invisível*”.<sup>27</sup> A nobreza da *altura* está em que ela “*já não é o céu, mas o Invisível*”.<sup>28</sup>

Esse desejo não é saciável, satisfeito, ao contrário, são abertos novos apetites e novas fomes e nunca satisfação. É uma abertura que não quer cicatrizar, porém aprofunda-se ainda mais. O *eu* não tem mais o domínio como se fosse o centro das atenções, pois o *outro* pode se retirar e aí o que será feito?

Se o eu estiver centrado em sua satisfação, talvez se sinta frustrado. Ele (eu) não possui o controle a fim de determinar o que irá acontecer ou se vai se realizar ou não. Dessa forma, deverá se revestir de uma nova categoria, deixar que o outro seja *outro* que passe, pois, aqui, querer a permanência, seria incrustar-se no *mesmo* e não se deve procurar uma reciprocidade da parte do *outro*; esse é o modo

<sup>24</sup> Bonamigo. *apud* SÍNTESE, nº102,2005. p. 89.

<sup>25</sup> Designação levinasiana do caos original. Dele surge o horror pelo ser, que se endurece nesta existência, “*Il y a (há)* com esta expressão o autor designa o ser sem existentes, ao existir anterior à separação e que ‘não se pode nomear’, corresponde ao *Tohu-wabohu* que precede à criação em Gen. 1,2”. U. Vázquez, *El Discurso Sobre Dios*. Cf. BUCKS, René. Op. cit. p. 159.

<sup>26</sup> BUCKS, René. *A Bíblia e a Ética*. p. 73.

<sup>27</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. p. 23.

<sup>28</sup> *Ibidem*. p. 24.

*ego lógico* e irresponsável de que Lévinas quer escapar. É um voltar-se para *si mesmo*, eliminando ou negando o *outro*.

Estar no mundo a partir da existência, adquirindo o horror de ser do mais fundamental e pungente passado - anterior ao ser e à existência -, é um pesadelo pela solidão e pelo caos. Nesse sentido não é a angústia que tem sua primazia no ser devido a sua existência, mas o horror pelo que desordena o mundo e a sua *mundanidade*. O lugar de silêncio, trevas e caos é que provoca o sentimento de solidão no ser, “*A experiência do il y a se prolonga ainda na descoberta do Eu que chega a si (soi), que se manifesta no sentimento de ser condenado a si mesmo, na percepção de que o presente e o futuro estão hipotecados por um passado irrevogável*”.<sup>29</sup>

Na atitude de indiferença e esquecimento frente ao sofrimento dos outros é que a solidão do ser toma a forma mais presente, mostrando a sua face: “*Essa solidão do ser se mostra de forma abrangente na atitude de indiferença e de esquecimento frente ao sofrimento dos outros*”.<sup>30</sup> Pode-se então, entender os problemas éticos que aparecem nessa reflexão, em que a total indiferença pelos sofrimentos dos outros e insensibilidade pelas mazelas em que grande parte da população mundial está envolvida é a nota mestra da nossa realidade social.<sup>31</sup>

Para fugir da consciência e de sua imposição, Lévinas aponta para dois atos importantes para o ser racional. Desses atos ele não pode esquivar-se. Neles, a consciência perde o seu domínio. Os atos são a *preguiça* e o *cansaço*, que na compreensão lévinasiana, são compreendidos como uma válvula de escape do ser.<sup>32</sup>

Com as categorias - do *cansaço* e do *sono* – aponta-se para uma falta de reflexão na consciência, demonstrando que o ser não se prende a ela. A ontologia não tem a primazia para a ética, pois a consciência foge do ser, no instante exato em que ela não se prende a ele: “*mas esta consciência sem reflexão, não é a consciência espontânea, simplesmente pré-flexiva – ela não é pré-crítica*.”<sup>33</sup>

<sup>29</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. p. 89.

<sup>30</sup> *Ibidem*. p. 90.

<sup>31</sup> O autor e filósofo BONAMIGO, produz uma reflexão concisa na revista *Síntese*. Cf. Bonamigo. *SÍNTESE*, nº102,2005. p. 89.

<sup>32</sup> Está reflexão é apresentada por Márcio Luiz Costa. Cf. *Lévinas: Uma introdução*. Vozes: Petrópolis. p. 73.

<sup>33</sup> Bonamigo. *SÍNTESE*, nº102,2005. p. 89.

Entende-se que a tradição filosófica Ocidental nunca foi para além do ser. E é esse desejo que Lévinas denomina de metafísico. Demonstra exatamente aonde a sua reflexão quer chegar. Propor uma reflexão ‘*para além do ser*’, um ‘*humanismo do outro homem*’, já que o modelo Ocidental de humanismo também fracassou, devido ao predomínio da razão. Surgem, com a proposta humanista e do homem dominado pela razão, duas experiências de guerra mundial; demonstrando que o homem, animal *rationalis*, não tem um lugar privilegiado no cosmos, estando sujeito à aniquilação. Nesse contexto, a única saída visível - que é um movimento, uma orientação em sentido único, ou seja, sem volta - é a *relação ética*.

Essa é a orientação que vale a pena descobrir “na relação moral”, explicada por Lévinas: “*é precisamente propor o Eu (Moi) como já questionado pelo outro que ele deseja e, por consequência, como criticado na própria retidão do seu movimento.*”<sup>34</sup>

Vê-se que o *outro*, desejado por alguém, é quem lança a crítica, não ingênua, mas crítica. O *outro* faz uma entrada nesse vir a nós no mundo. O movimento impulsiona o encontro pelo fenômeno da aparição do outro. É essa a presença, mas qual é o lugar de sua aparição? Onde acontece a sua *epifania*?

A aparição do *outro* ocorre também no *rostro*. Na fala de Lévinas: “*O fenômeno da aparição do outro é também rosto e a sua epifania é visitação.*”<sup>35</sup> É o questionar a si próprio diante desta *visitação do outro*, pedindo a saída da solidão e do isolamento.

O *rostro do outro* interpela o *rostro do eu*, exigindo o comprometimento de um pelo outro, pois o *outro* traz uma ordem por sua nudez e indulgência. O que o *eu* tem feito pelo outro, faz o *eu* sair da atitude *ego-lógica*? Traz esse questionamento de si, o acolhimento do *absolutamente Outro*. Lévinas denomina de o *Ausente*, o *Terceiro*. Esse, na relação *Eu – Tu* manifesta-se como *Ele*. “*O questionamento de si é precisamente o acolhimento do Absolutamente Outro. A epifania do absolutamente Outro é rosto em que o outro me interpela e significa uma ordem, por sua nudez e indulgência.*”<sup>36</sup> O *rostro do outro* indica ao *eu* uma ordem originária e presente e é essa presença da ordem que é interpelada por sua *nudez e indulgência*.

<sup>34</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. p. 65.

<sup>35</sup> Ibidem. p. 58.

<sup>36</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. p. 61.

O *outro* sempre pede mais do que o eu pode oferecer, corroendo-lhe a ingenuidade. Lévinas diz: “*ora, o Eu (Moi) corrói sua ingenuidade dogmática diante do outro que lhe pede mais do que ele pode oferecer*”.<sup>37</sup> É desse *Ausente* que procede o *outro*, mas sem se revelar propriamente: é um buraco no mundo, uma interrupção do curso normal das coisas. Ele pode estar assinalado no *rost*o.

Porém, na presença do *rost*o, essa significação não é uma maneira de se dar, nos diz Lévinas, não é um oco (*creux*). Isso nos conduziria ainda a um modo de desvelamento do qual Lévinas quer escapar. Não se dá por revelação nem por dissimulação, mas como por uma terceira via que se dá, na relação que vai do *rost*o ao *outro Ausente*.

No *Ser*, uma transcendência não se mostraria desvelada, mas revelada, e o extraordinário se insere na ordem. O ser é a forma mais comum dentro da tradição filosófica Ocidental. Essa tradição nunca se arriscou em ir além do ser. E é bem a proposta de Lévinas, impulsionar a reflexão para além da ontologia: “*No ser, uma transcendência revelada inverte-se em imanência, o extraordinário insere-se numa ordem, o outro é absorvido no mesmo*”.<sup>38</sup> Na presença do *outro* respondemos a uma ordem cuja significância continua *desordenadamente* irreversível e nos remete para um passado absoluto. Vai-se ao encontro da origem que se encontra no *rost*o do *outro*, uma significância a que Lévinas denomina *vestígio*.

O *rost*o vem como uma *visita extra-ordinária* (como fora do normal, interrupção do curso normal das coisas) a introduzir uma transcendência já na imanência, no que o *outro*, cujo *rost*o passa a ser um objeto desprezível e repugnante trazendo a imagem do inferno ou a sua encarnação (sentido sartreano), continua sendo menosprezado. Opta-se por um comodismo em vez da responsabilidade pelo irmão, graças a uma ética centrada na ontologia, arrancando daí suas formas de domínio e totalitarismo.

## 1.4. O ROSTO

---

<sup>37</sup> Loc. cit.

<sup>38</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. p. 73.

O *rost*o, que se apresenta no *outro* - na compreensão lévinasiana - traz a noção de transcendência por ser a parte mais exposta e nua do corpo humano. Significação da exterioridade, ele escapa da simples noção de sua plasticidade para cair no *outro modo de apresentar-se* da fenomenologia lévinasiana (como visto no capítulo anterior) de ir para além do puro dado que a realidade nos apresenta como sendo o verdadeiro. A noção de *rost*o escapa a essa abordagem. Não se dá por desvelamento, mas, pelo contrário, no puro ato de apresentar-se. É um evento extraordinário que será relatado por Lévinas como *ana-arquia*. Um desordenamento de toda a ordem, pois, se de um lado, a *intencionalidade* colocava cada consciência como uma só, percebendo os fenômenos da mesma ordem; por outro, a ontologia colocava na mesma ordem o ser e o ente.

Claro está para Lévinas que Heidegger produziu um corte profundo - passado despercebido pela tradição metafísica - nessa questão antagônica quando então postulou a noção de *diferença ontológica*<sup>39</sup>. Mas, fato é que Lévinas percebe com a *fenomenologia do Rost*o, um evento extraordinário, ou seja, que não era esperado e que desordena toda a ordem do ser.

O *rost*o não é um fenômeno de forma semelhante às *mônadas*<sup>40</sup> de Leibniz, que são fechadas em si mesmas, mas, manifesta-se como uma abertura na gravidade bruta do mundo, “*como um ser que abrisse a janela onde sua figura, no entanto, já se desenhava*”<sup>41</sup>. Nota-se o ressoar, mais uma vez, do diálogo de Lévinas com a tradição metafísica, apontando para novas categorias, diferentes das categorias ontológicas.<sup>42</sup>

Essa é uma discussão que terá como conclusão a colocação da ética como filosofia primeira, em detrimento da ontologia e do movimento de *um para o outro*, saindo, dessa forma, das determinações de violência. Coloca-se todos os

<sup>39</sup> Diferenciação dada por Heidegger entre ser e ente.

<sup>40</sup> Segundo Lévinas, a história da Metafísica Ocidental é a história cujo desfecho é este fechamento. As Mônadas segundo Leibniz são: “apenas uma substância simples que entra no compotostos. Simples, quer dizer: sem partes (...) Ora, onde não há partes, não há extensão, nem figura, nem divisibilidade possíveis, e, assim, as MONADAS são os verdadeiros Átomos da Natureza, e, em uma palavra, os elementos das coisas (...) As Mônadas não têm janelas por onde qualquer coisa possa entrar ou sair”. Cf. LEIBNIZ. *Os Princípios da Filosofia ditos A Monadologia*. In. *Coleção Os Pensadores*.p. 105, números: 1;3;7. Em contraposição, Lévinas, colocará a questão da intersubjetividade, como forma de abertura do ser. Esta questão será refletida no próximo capítulo tor ter uma relevância para a *Ética*, no sentido levinasiano.

<sup>41</sup> LÉVINAS. Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*.p. 59.

<sup>42</sup> Lévinas nesta parte utiliza da noção de *mal*, que para ele não seria um defeito ou uma falta de ser, mas um excesso de ser que amedronta. O homem seria jogado no empreendimento de ser, num anonimato tenebroso, no terror de sentir a despersonalização que vem em seguida; a isto Lévinas denomina a experiência do *il y a* (sobre o significado do *il y a* confira no primeiro Capítulo).



entes dentro de um mesmo sistema, ou seja, uma ordinariedade (no sentido de ordem). Aqui reside a originalidade da filosofia de Lévinas: mesmo não tendo ainda uma leitura mais contundente, faz-se sentir os ares de uma aproximação iniciada.

Outra característica do *rostos* é que ele não se prende ao tratamento que lhe é dirigido, mas rompe profundamente com a concretude e dureza do mundo, sua manifestação e fenômeno. Seu ultrapassamento vai para além de sua forma plástica e é assim que se manifesta. Assim, a epifania do *rostos* é viva e esse outro, que se manifesta nele, perpassa a sua própria plasticidade. É como se fosse aberta uma janela na realidade nua e crua. “*Enquanto fenômeno já é, seja a que título for, imagem, manifestação cativa de sua forma plástica e muda, a epifania do rostos é viva.*”<sup>43</sup>

É viva exatamente por falar, pois o *rostos* não é sem expressão, como uma imagem inerte e sem forma. No caso, já não seria *rostos* e sim máscara. A primeira manifestação do *rostos* é o discurso, onde o falar produz, então, a fissão na realidade concreta na qual sua imagem já se passava: “*A manifestação do rostos é o primeiro discurso. Falar é, antes de tudo, este modo de chegar por detrás de sua aparência, por detrás de sua forma, uma abertura na abertura.*”<sup>44</sup>. A *Ideia de Infinito*<sup>45</sup>, abertura da imanência pela transcendência sem, contudo, eliminar o transcendente ou colocá-lo junto às coisas desse mundo. O *rostos* traz uma atitude *extraordinária*, pois *desordena* a própria ordem do mundo e é essa a sua significação: “*A significação do rostos, sua abstração, é, no sentido literal do termo extraordinária, exterior a toda ordem, a todo mundo.*”<sup>46</sup>

O *rostos* reage às ações que vêm ao seu encontro, porque é a parte do corpo mais *nua* e exposta: compreensão, *violência*, *alegria*, tristeza. Qual é a noção de nudez do rostos para Lévinas? O que há de semelhante a nossa compreensão? Nesse aspecto, nudez - para Lévinas – é, conforme sua explanação na obra *Totalidade E Infinito*:

*“A nudez do rostos não é o que oferece a mim porque eu o desvelo – e que, por tal facto (sic), se oferecia a mim, aos meus poderes, aos meus olhos, às*

<sup>43</sup> Loc. Cit.

<sup>44</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. p 59.

<sup>45</sup> Tanto em *Totalidade e Infinito* Como *Humanismo do Outro Homem*, Lévinas, demonstra que esta idéia já nos foi refletida por Descartes. Lévinas diz não querer acrescentar mais nada. Cf. DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas; Terceira Questão – De Deus; Que Ele Existe.* – Martins Fontes: São Paulo, 2000 – Pontos de [22] a [42]; p. 57-82.

<sup>46</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem* .p. 59.

*minhas percepções numa luz que lhe é exterior. O rosto voltou-se para mim – e é isso a sua própria nudez.”*<sup>47</sup>

Já em *Humanismo do Outro Homem*, deixa claro que não há nenhuma relação com a forma como compreendemos, culturalmente, a *nudez* na atualidade, mas de uma dimensão extraordinária, que é dada exteriormente:

*“A nudez do rosto é despojamento sem nenhum ornamento cultural – uma absolução (absolution) – um despojamento de sua forma no seio da produção de sua forma. O rosto entra no mundo a partir de uma esfera absolutamente estranha, quer dizer, precisamente a partir de um absoluto que é, aliás, o próprio nome da estranheza radical. A significação do rosto, sua abstração, é, no sentido literal do termo, extraordinária, exterior a toda ordem, a todo mundo.”*<sup>48</sup>

Essa não aderência a sua forma traz de imediato a relação com além da realidade a partir da mesma forma. O *rostos* - lévinasianamente falando - não é a mera noção que temos ao encontrarmos com o outro ser humano, mas, com o *absolutamente outro*, o que extrapola nossa sensibilidade para apontar para o *além do dado*. Situamos o marco da reflexão lévinasiana nesse ponto donde surge o rosto. O mais no menos, o infinito no finito, isso é a *Idéia de Infinito*, onde a transcendência surge sem negar a transcendência:

*“A Idéia do Infinito é Desejo. Ela, consiste, paradoxalmente, em pensar mais do que aquilo que é pensado e conserva-lo, assim, em seu ‘desmesuramento’ em relação ao pensamento; em entrar em relação com o inapreensível, mas garantindo-lhe seu estatuto de inapreensível.”*<sup>49</sup>

Na relação entre a realidade e a concretude do mundo com a transcendência se dá o *rostos* como primeira palavra, perfazendo uma abertura na imanência. *“O rosto é precisamente a única abertura onde a significância do transcendente não anula a transcendência para fazê-la numa ordem imanente,”*<sup>50</sup>. É dessa atitude que se dá a manifestação do *rostos* enquanto fenômeno que direciona todos os acontecimentos na ordem dura do mundo, *“A manifestação do rosto é o primeiro discurso. Falar é, antes de tudo, este modo de chegar por detrás de sua aparência, por detrás de sua*

<sup>47</sup> Idem. *Totalidade e Infinito*. p. 61.

<sup>48</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. 59.

<sup>49</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. p. 62.

<sup>50</sup> Ibidem. p. 73.

*forma, uma abertura na abertura*".<sup>51</sup> Por essa via, percebe-se que Lévinas utiliza a fenomenologia como método para a sua *filosofia*, fugindo da forma própria do *rost*o, ou seja, como é percebido diante de si.

Só se prossegue nessa tratativa, sobre o *rost*o, abordando a *vestígio* (que é o modo como o *rost*o vem a nós) e a *visitação* (onde se verifica os *traços* do transcendente), temas presentes na obra e no pensamento Lévinasiano. O *rost*o é um fenômeno que escapa ao horizonte dos entes no mundo que não possui nenhuma relação com o sentido que lhe refere.

O *rost*o escapa a qualquer sistema de identificação geográfica, histórica ou cultural, ainda que possa ser aí situado. "*A visitaç*o do *rost*o não é por tanto o desvelamento de um mundo. No concreto do mundo, o *rost*o é abstrato ou nu. Ele é despido de sua própria imagem".<sup>52</sup> Ele não acontece dentro de uma intencionalidade de cuja ação possa ser determinado pela consciência, mas, "*Da ideia do Infinito*". O Infinito não é, portanto, um correlativo, como se essa ideia fosse uma intencionalidade que se realiza em seu 'objeto'. "*A maravilha do infinito no finito de um pensamento é um desconcerto da intencionalidade.*"<sup>53</sup> e tampouco é um acontecimento ou um fenômeno no mundo.

O *outro* que se manifesta no *rost*o, encontrado a sua frente, reclama por sua *miséria* a que impõe uma ordem originária, apresentada como mandato: *n*o matarás. Esse é o primeiro ensinamento do *rost*o, vindo como uma ordem do que não se pode fazer, a menos que seja dentro desses horizontes. Nota-se que a realidade tem mais do que se pode captar com os sentidos e, isso, é o ensinamento da *Fenomenologia*, para Lévinas. O exercício da suspensão, ou colocar entre parênteses (epoche), quer nos transmitir essa verdade. Essa palavra de origem grega - resgatada por Husserl - quer ensinar a suspeita pela realidade que nos apresenta ao olhar, deixar que as coisas mesmas se revelem.

Para Lévinas, Husserl, no seu bojo filosófico, possui um ensinamento que não devemos desprezar: "*a fenomenologia nos ensina que há mais na realidade enquanto construída do que nessa realidade que capta o nosso olhar.*"<sup>54</sup> As coisas

<sup>51</sup> Ibidem. p. 59. Percebemos a partir desta reflexão de Lévinas um suporte na Torah. Este relato encontra-se também no Gênesis, onde primeiramente Deus fala e depois as coisas passam a existir.

<sup>52</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. p. 59.

<sup>53</sup> Ibidem. p. 62.

<sup>54</sup> Emmanuel Lévinas. Entrevistas do Le Monde. Ed. Ática: São Paulo, 1990. p. 129.

do mundo, observáveis na realidade, trazem sempre novas formas de se perceber uma mesma realidade

*“Tudo se dispõe em uma ordem, em um mundo, onde cada coisa revela outra ou se revela em função dela. Mas, mesmo tomado, como sinal, o vestígio tem ainda isto de excepcional em relação aos outros sinais: ele significa fora de toda intenção de fazer sinal e fora de todo projeto no qual ele seria o visado.”<sup>55</sup>*

A *Fenomenologia* vê as coisas como elas são, já para Lévinas, no entanto, no que se refere à *Intencionalidade*, ele lança uma crítica, pois a razão não consegue manter-se em si mesma. Possuindo uma válvula de escape para essa atitude *fenomenológica*, a consciência não se prende aos fatos. As válvulas são o *Sono* e a *Preguiça*.<sup>56</sup> A razão humana, no contexto apresentado, ponto perde o seu predomínio. E a intencionalidade também. Exatamente por prender-se à razão. Não há como controlar o corpo durante o *sono*, a fim de determinar o que deverá acontecer no próximo passo; da mesma forma, acontece com o corpo durante o estado de *preguiça*. A consciência, nesse estado, já não está em *vigília*, mas perdendo a sua ação.

Como manter o controle da *consciência* e da razão em estado de inércia, de imobilidade? Firma a necessidade de imobilidade sem que qualquer ação racional possa livrar de tal situação, a não ser entregar-se a esse momento de não predomínio da razão. Esse é o sentido de estar em *casa*, da *habitação* e da *hospitalidade ao ser separado*<sup>57</sup>. Dessa forma, para Lévinas:

*“a separação constitui-se como morada e habitação. Existir significa a partir daí morar. Morar não é precisamente o simples fato da realidade anônima de um ser lançado na existência como uma pedra que se atira para trás de si. É um recolhimento, uma vinda a si, uma retirada para sua casa como para uma terra de asilo, que responde a uma hospitalidade, a uma expectativa a um acolhimento humano, em que a linguagem que cala continua a ser uma possibilidade essencial.”<sup>58</sup>*

<sup>55</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. p. 75.

<sup>56</sup> Marcio Luis Costa informa: “O sono é a inércia da consciência. Esta posição inerte é a base em que a consciência surge da inconsciência.” E em outro comentário: “O cansaço é fastio de tudo, de todos, de si e da existência. É uma experiência existencial limite de um existente inerte que se vê forçado a existir por um convite da existência”. COSTA, Márcio Luis. *Lévinas: Uma Introdução*. p.74-81.

<sup>57</sup> Cf. LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito – D – A Morada*. p.130-156.

<sup>58</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. p. 139.

O homem, durante a *Idade Razão* e sobre o predomínio do empirismo, deixou-se conduzir (nortear) pela razão e pela experiência; determinou que o mundo, bem como qualquer atitude ou ação humana, estava à racionalidade em seu fundamento: O *animalis rationalis* (animal racional).

Tudo seria explicado pelas ciências (ou pela técnica) e um desejo sempre crescente de esquecer a natureza humana, que no mundo não tem nada de permanente, amparando-se nas marcas do *vestígio*, puro *passado*; todavia, a atitude racionalista (ou racionalizante) do homem não trouxe nada de bom para a humanidade, a não ser: dor e rancor, violência e desespero.

Duas Grandes Guerras - os mais variados tipos e modelos de totalitarismos (Nacional-Socialismo) - foram os frutos desse período. A pretensão humana estava centrada nos avanços científicos e tecnológicos. Lógico que avanços aconteceram, mas em detrimento do que é fundamento da essência humana, o que a diferencia das demais: sua responsabilidade. O terror estava solto. Dominar e sujeitar eram os lemas mais presentes nas raízes de tais fenômenos.

Marcaram a conclusão desse período os seus frutos mais medonhos. O holocausto não foi algo gratuito, mas fruto de um profundo mergulho do homem ao seu lado mais macabro e sombrio: a animalidade. Esquecimento do *outro* - enquanto ser humano - e negação do seu ser humano, exatamente por ser diferente.

Ao excluir o diferente, exclui-se outras formas de se ver o mundo e o ser humano, prevalecendo tão somente o modo Ocidental de concebê-lo. Será que somente o homem Ocidental tem este direito? O homem não é somente razão. Ele possui um fundamento anterior à ontologia e ao conhecimento. Ele é *de outro modo de ser*. Sua fundamentação é ética e não ontológica. Não é o ser quem determina o homem, mas o homem é quem determina o ser.

Ao mesmo tempo em que se sente um total descaso para com a metafísica, vê-se também uma difícil retomada da ética, enquanto um evento fora da relação ontológica, o que mantém a violência. Porque, como é visto, há uma tensão do ente em ser. Ele não quer continuar sendo ente, mas, tem que ser tratado como ser: "*Ser enquanto ser é, desde o começo, preocupar-se em ser, como se aqui, já fosse mister, alguma distração, ou algum 'calmante' para – como ente – sem se*

*preocupar em ser.*<sup>59</sup> É necessário mesmo um calmante a fim de que o ente permaneça ente e não se aventure no em ser. Notadamente é uma aventura falsa, pois ela não proporciona uma saída verdadeira para outros horizontes, mas uma permanência no *mesmo!*

## 1.5. O VESTÍGIO

Nessa tratativa de Lévinas, o *vestígio* demonstra a forma pela qual o *rostto* do *outro* remete a uma significação de um passado que transcende a todo o passado. O sinal - seja ele qual for - traz a noção de um *traço*, de que algo já *passou* e não retornará a manifestar-se. O *rostto* tem por característica a não permanência, seja que sentido lhe for dado.

Pense na seguinte proposição: qual seria a imagem do *rostto*, ou sua forma, tendo em vista que a tradição de Lévinas aponta para a noção da idolatria, incluindo do *Deus* sem imagem? Assim, talvez facilite – ou complique ainda mais – a compreensão do *rostto* que é puro passado, passagem contínua e sem se prender à realidade do mundo, mas a transcendê-lo. Nesse sentido, o *rostto* perde tudo, inclusive, e principalmente, sua forma plástica. O sujeito não possui o controle sobre a plasticidade do seu rosto, pois logo terá *passado* na sua morte.

As rugas são *vestígio* de que o seu tempo está passando e logo terá passado a sua forma: “O *rostto* é *abstrato*. Esta *abstração* não é, certamente, à maneira do *dado sensível bruto dos empiristas*. Nem é um *corte instantâneo do tempo em que o tempo ‘cruzaria’ a eternidade*”.<sup>60</sup> O tempo faz parte do mundo, porém, o *rostto* é *abstração*, trazida pela *visitação*.

A característica é observada como a ação de um caçador que persegue a presa. Ele não a vê, mas busca os seus sinais. E nessa busca pelos sinais, encontra a presa a que persegue. O *vestígio*, que se apresenta no presente, remete ao *dado* que traz a partir daí. Verifica-se a noção que escapa à realidade e a projeta para

<sup>59</sup> LÉVINAS. Emmanuel. *Entre Nós: Ensaio sobre a Alteridade*. p. 18.

<sup>60</sup> LÉVINAS. Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. p. 73.

além de onde surge. Como uma transcendência que se processa na imanência, é a ação do *rosto do outro* que aparece na sua própria *nudez*.

O sentido é dado pelo *vestígio* dentro de um sistema de referência no qual o *rosto do outro* se manifesta, trazendo a própria carência do ser que se produz na dureza da realidade e do peso da existência do ser, em ser. O peso da existência é selado pela realidade do mundo que se sente e faz o *outro* sofrer a *violência do ser*.

*“Origem de toda violência, diversa segundo os diversos modos de ser: vida dos vivos, existência dos humanos, realidade das coisas. Vida dos vivos na luta pela vida; história natural dos humanos no sangue e nas lágrimas das guerras entre as pessoas, nações e classes; matéria das coisas, dura matéria; solidez; o fechamento-sobre-si até os confinamentos intra-atômicos de que falam os físicos.”<sup>61</sup>*

O *vestígio*, de onde vem o *rosto*, pode ser um sinal da entrada do dado em nossa ordem de algo que é transcendente, de uma outra ordem: “O *além* donde procede o *rosto* significa *vestígio*. O *rosto* está no *vestígio* do *Ausente* absolutamente revoluto, absolutamente passado.”<sup>62</sup> Dessa forma, quando se observa um sinal não se procura pelo sinal, mas sim por algo que traz a noção do que o fez. Como o caçador que não vê a presa e sim suas pegadas, mas o *vestígio* que ficou impresso no terreno por onde passou, fá-lo saber qual o animal e suas características principais ou, ainda, como em um outro trabalho - o do arqueólogo: ele não sabe que civilização encontrará na sua escavação e nem mesmo se encontrará alguma, porém as características do terreno apontam para uma provável descoberta. Assim que a escavação demonstrar um artefato de cerâmica ou outra peça, notará o arqueólogo um *vestígio* de uma civilização arcaica a que não dará para nomear por pura intuição, mas é o *vestígio* que aponta para o tipo de civilização, modo de vida, organização e todo o seu passado - que logicamente não está presente - todavia já *passou*. Esse sentido é profundo e provoca a *epifania* que estava oculta, escondida no *traço*, que se figurava no mundo como *vestígio* do que estava presente na consciência do arqueólogo, mas nem por isso irreal; outra forma de *traço* é um risco numa pedra - visão e observação: se foi realizado pela mão humana tornar-se-á um *vestígio*, mas sem o ser humano que o produziu, será apenas um risco, mas não *vestígio*.

<sup>61</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Entre Nós: Ensaio sobre a Alteridade*.p. 18.

<sup>62</sup> Loc. Cit.

O *vestígio* traz a abertura para uma transcendência na imanência do mundo, de modo a deixar um passado imemorável. Não se pode deixar de percebê-lo, pois é visto. Olhar para o *traço* chama, em causa, uma fissura, também percebida pelo detetive, no concreto do mundo. Seu principal informante não são as pessoas, isso é secundário, mas os fatos, os sinais deixados pelo criminoso na cena do crime. A história do assassinato é narrada a partir do lugar do crime. No desespero em apagar os seus *vestígios*, o assassino acaba por deixar mais indícios sobre o seu ato assassino.

Nesse processo, percebe-se que a sociedade sofre de estrabismo radical, que se manifesta no não olhar ou na fuga em se contemplar o rosto dos outros que se apresentam no cotidiano da existência. Há o clamor pela *responsabilidade* para com aquele que lhe vem ao encontro, como estrangeiro sofrendo por um profundo desviar do olhar da humanidade tão conectada aos acontecimentos virtuais que são tomados como reais. Enquanto o humano é deixado de lado, na pura absolutização de uma racionalidade, é a tecnologia que dita as normas para a ética e a relação para com os indivíduos de uma mesma comunidade. Fato não menos interessante é o das guerras da atualidade: não há um encontro com o outro inimigo, as bombas são comandadas a distância. É assim que Lévinas define o *Enigma*<sup>63</sup>.

O *rosto está para além do ser* e é esta a significação do *vestígio* que pode ter também um outro significado na reflexão levinasiana como o *traço*<sup>64</sup>. Logo, tanto o *traço* como o *enigma* procuram concretizar a orientação do Absoluto que acena no *rosto* do outro: “*A dimensão do divino se abre no rosto humano*”.<sup>65</sup> Nesse sentido, o *rosto* não é simples presença, nem mera ausência; duas realidades compreensíveis pela ontologia e descritíveis pela fenomenologia. Tampouco é absolutamente nada,

<sup>63</sup> “O *traço* e o *enigma* dizem praticamente o mesmo: a ambígua significância da *Transcendência* como absoluta diferença”. – René Bucks. *A Bíblia e a Ética*. p. 121.

<sup>64</sup> “*La Trace*” é talvez um dos termos levinasianos mais difíceis de traduzir. Significa: marca, traço, risco, pegada, vestígio, rastro, sulco, sinal. Mas o autor lhe dá um significado que não se identifica com nenhum dos significados comuns. *La trace* é uma marca deixada pelo infinito. Que tipo de marca é? “O infinito não poderia (...) ser seguido pela *trace*, como a presa pelo caçador. A *trace* deixada pelo infinito é o resíduo de uma presença [o que o vestígio de uma presas sugere], seu próprio brilho é ambíguo (...) O infinito apaga seus *traces*, não para enganar aquele que atende, mas porque transcende o presente em que Ele me comanda e porque não posso deduzi-Lo desse comando”. (AE, 15, a explicação entre colchetes é nossa). *La trace* aparece aqui como algo extremamente ambíguo, um vestígio apagado, de modo pode que ou não ser um vestígio. “Essa maneira de passar, inquietando o presente sem deixar-se investir pela *arché* da consciência, apagando a claridade ostensível, nós denominamos *traço*” (AE, 27). Traduzir “vestígio” ou “marca” talvez sugira mais concretude do que o termo pretendente, “rastro” seria melhor, mas esse termo não conserva a associação com o *rosto*, presente na *trace* do infinito. Prefiro a tradução mais neutra de “traço”. BUCKS, René. Op.cit.p.119-121.

<sup>65</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. p. 50.



porque o *rost*o significa algo que perturba a ordem normal do mundo. Uma significância extraordinária, literalmente, pois não estava pautada pelo discurso ontológico, onde o ser pertence ao eu ou o ser é si mesmo.

A transcendência que se manifesta no *rost*o do *outro* não é um mundo por detrás desse mundo. O *rost*o é a única abertura na qual a transcendência não anula o transcendente: “*para fazê-la entrar numa ordem imanente, mas onde, ao contrário, a transcendência se recusa à imanência precisamente enquanto transcendência sempre passada do transcendente.*”<sup>66</sup> A transcendência recusa a imanência por ser passado do transcendente: “*o rost*o é precisamente a única abertura onde a significância do transcendente não anula a transcendência para fazê-la entrar numa ordem imanente, mas onde, do contrário a transcendência se recusa à imanência precisamente enquanto transcendência sempre passada do transcendente.”<sup>67</sup>

No vestígio não há correlação, mas *irretitude*<sup>68</sup>; semelhante à ação do assassino, que no desejo de ocultar a sua ação, acaba por deixar mais pistas. Então, pensar o infinito não é pensar num objeto, mas o que não tem os traços do objeto: “*Pensar o infinito, o transcendente, o Estrangeiro, não é, pois pensar um objeto, mas, pensar o que não tem os traços do objeto é na realidade fazer mais, ou melhor do que pensar.*”<sup>69</sup>.

Uma relação que não toca a totalidade, seja no que se refere ao divino ou na história, e sim a ideia de infinito, é metafísica. Na história não há fusão entre Eu e o *outro* que se apresenta no *rost*o, mas fala com ele. Não há uma coincidência entre o transcendente com a vida do *outro* e sim, um *vestígio*. *Vestígio* não é sinal da igualdade, mas um passado imemorável. Notam sua *passagem* através desses *traços*, porém alguém já *passou*. É *ultrapassamento*. Conclusão de um tempo sem o eu, o que produz uma diacronia em relação ao tempo presente, futuro ou passado que apresenta a existência. Um momento é produzido em que o espaço e o tempo se unem, formando um evento único.

E talvez seja isso a eternidade, segundo a própria interpretação de Lévinas – que também não deu uma definição sobre o assunto – Dessa forma se imprime um discurso: pois se o *rost*o *fala*, sua *visitação* é expressão, como uma

<sup>66</sup> Idem. *Humanismo do Outro Homem*. p. 73.

<sup>67</sup> Ibidem. p. 73.

<sup>68</sup> Neologismo que significa no sentido levinasiano de não haver um movimento reto nesta relação, mas uma extraordinariedade, aquilo que vem desordenar a ordem ordinária.

<sup>69</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. p. 36.

exegese que se faz impondo uma ordem. É claro que o *rostro* não é imóvel, pois se assim o fosse, seria máscara que necessitaria de um *rostro* onde fixar-se.

A experiência absoluta não é desvelamento, e sim relação, manifestação do *outro* no *rostro* para além da forma. É nesse aspecto que o *rostro* é uma presença viva e não congelada, em forma puramente plástica, porque se assim o fosse, converter-se-ia em *mesmo*, alienando a exterioridade do outro, transformado aí em *mesmo*.

Essa é uma atitude metafísica por excelência, abordar o *rostro* sem tocá-lo. “A metafísica aborda sem tocar. A sua maneira não é ato, mas relação social.”<sup>70</sup> A relação trazida pelo *rostro do outro* põe o eu em questão, esvazia-o. Descentraliza-o do egoísmo e o põe em movimento *para-o-outro*. Tirando-o do *estar em casa*, do *repouso*. O eu é responsável por outrem.

Sabendo-se agora responsável por outro ser humano – a maravilha da extraordinária experiência da visão do rosto do outro! – o eu se torna solidário, impondo-se a ética da responsabilidade. No tocante a tal ética percebe-se que Lévinas a coloca como um problema de fundamento e por um motivo anterior ao ser. É uma reflexão que toma a ética por filosofia primeira. É fazer da filosofia não o *amor pela sabedoria*, mas, ao contrário, *a sabedoria do amor*. É uma definição suja, talvez, por ser judeu, o filósofo. Aqui, a escrita se lê da direita para a esquerda. Rompendo assim com a forma ocidental de escrever.<sup>71</sup>

É uma atitude muito mais importante que o intuito leibniziano sobre o problema do ser e do nada, de se pensar isso ou aquilo. Está na existência e, como tal, existe a responsabilidade pelos outros. Visto, já anteriormente, que o fato da *angústia* do ser ou do *nada* é menos importante, conclui-se que se está na existência, já se está angustiado e não ao se tomar consciência da finitude – morte – em que a angústia é colocada. Na base do problema Lévinasiano, sua inversão, quando coloca a ética como filosofia primeira em detrimento da ontologia, está a alteridade e, esta sim, é mais esquecida que o ser do ente ou que o problema de se colocar o nada.

<sup>70</sup> LÉVINAS. Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. p. 95

<sup>71</sup> Segundo a estudiosa da Universidade Hebraica do México – Silvana Rabinovich – diz que esta inversão pode ser percebida pela forma com a qual a escrita semita se faz ou seja da direita para esquerda, do final para o início se comparada a escrita neo-atina ou anglo-saxônica. Cf. COSTA, Márcio Luis. *Lévinas: Uma Introdução*. pp. 9-18.

O *Ausente* deixa o seu *vestígio* sem se apresentar. É um escape que vem do rosto do outro como um *passado imemorável*. Esse passado não é vindo de uma mesma esfera da existência, mas transcendência que no *rosto* se apresenta na sua *nudez* e miséria de um ser separado, descentrado do seu egoísmo. Em se tratando de ser é, segundo Lévinas, a responsabilidade do eu por *outrem*, a que não se pode subtrair-se nem esquivar-se. Ser eternamente responsável. Sobre o tema da responsabilidade, assim determinou Derrida a sua importância para o desenvolvimento da filosofia dele, herdada, provavelmente, de Lévinas:

*“a repercussão de tal pensamento terá mudado de nosso tempo, e da reflexão sobre a filosofia, sobre o que orienta rumo à ética, da responsabilidade, da justiça, do Estado, etc, rumo a outro pensamento do outro, para um pensamento mais novo do que tantas novidades, porque se orienta na direção de uma anterioridade absoluta do rosto do outro.”<sup>72</sup>*

O além donde vem o *rosto* e onde ele pára, e em seguida se retira, não é um mundo a ser revelado por detrás de um mundo em que a existência de toda a criação pesa sobre os ombros. Deve-se fugir à tentação de procurar por esse além donde vem o *rosto*, pois, senão, está-se ainda na relação com o *mesmo* e não com o *outro*, enquanto *outro*.

É um exercício difícil o de se silenciar quando o discurso aponta para as mesmas coisas, pôr nomes diferentes. Isso é, na verdade, um mascaramento da realidade, uma bruta falsificação dada pelo ser preso no seu eu. A recusa da ontologia, por Lévinas, não se dá como uma forma de não compreensão dos problemas da metafísica.

Seja na idade moderna, seja na contemporânea, deve-se perceber a permanência no ser e a falta de coragem da tradição de se embrenhar em outras paragens e não é por uma gratuita falta de compreensão da tradição.

Não é objeto desse trabalho entrar no mérito da questão, porém, cabe apontar para a colocação da ética como a filosofia primeira, no sentido Lévinasiano da compreensão e não da ontologia.<sup>73</sup>

A metafísica, sim, é necessária, mas não à ontologia. Essa é a novidade da *epifania* do *rosto*, pois ela não é um acontecimento em meio aos seres. O *rosto*

<sup>72</sup> Cf. Bonamigo. SÍNTESE, nº102,2005. p. 80. – Citação número 3 e 4.

<sup>73</sup> Neste ponto há divergências entre dois comentadores, René Bucks e Marcio Luis Costa. Este diz que Lévinas só tomará a ética como filosofia primeira em detrimento da ontologia a partir de suas obras posteriores. Já aquele diz que toda a filosofia de Lévinas é ética.

não é mais um ser, não é máscara sem expressão, mas expressão viva, pois o *rosto fala*. Seu modo de apresentar-se é discurso a que: “*é uma relação não alérgica, uma relação ética, mas o discurso acolhido é um ensinamento.*”<sup>74</sup> Esse ensinamento é transmitido pela *Ideia de Infinito*, ou seja, o *entre nós*, como um *A-Deus*. Uma passagem do *Ausente* como um *rastro luminoso*. Como o discurso não é uma relação alérgica para com o *outro*, pode então haver o *encontro*, o contato.

Como uma abertura na dureza do mundo para *outro* horizonte de tematização, o rosto surgiu como tema a se desenvolver no encontro, “O imediato é o frente a frente.”<sup>75</sup> É um discurso entre *eu* e *tu*, no qual um *terceiro* já está presente, em movimento quase que *utópico* – no sentido *grego* da palavra, *um não lugar*. *A-Deus!* é uma *visita* que traz a despedida, passando pela imanência e que marca o seu *vestígio*, o seu *Traço*, do qual não conseguimos rememorar cada *vestígio* deixado por onde *Ele*<sup>76</sup> passou. É ultrapassamento!

Há um retorno da questão sobre a *Possibilidade da Existência de Deus* - um Deus que se manifesta no *rosto* do humano *pobre e miserável, nu e vazio* de sentido - despertando para a situação de que: “*Provavelmente, a questão por excelência não está na questão do ser ou não ser.*”<sup>77</sup> É um apresentar-se desvanecendo. Uma singularidade que perfaz a imanência, mas como refazer o caminho?

“*A verdadeira vida está ausente? Mas nós estamos no mundo.*”<sup>78</sup> Ser servidor do *outro* humano. Não se pode esquivar da responsabilidade de ser *para-o-outro*. Ser *para o outro* é esvaziar-se de si mesmo e responder ao seu irmão. Ser solidário demonstra aqui, não uma conjunção em meio aos seres no mundo, mas sendo responsável por toda a criação. Diante de ti põe-se a vida e põe-se a morte. O colocar-se a serviço do *outro*, porém, é mais importante; é o sentido profundo do qual se é servidor, eterno responsável pelo *outro nu e indigente*. É obedecer ao mandamento: “*não matarás*”. É saber-se diante de seu mestre que sempre tem novas coisas a ensinar, não por maiêutica, mas por pura *diaconia*<sup>79</sup>.

<sup>74</sup> LÉVINAS. Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. p. 38.

<sup>75</sup> Ibidem. p. 39.

<sup>76</sup> Lévinas na obra *De Deus Que Vem à Idéia*, trás toda uma reflexão sobre a questão do *A-Deus*, com esta partícula negativa significando a passagem de Deus. Já a utilização do pronome *ELE*, Lévinas defini como *eleidade*. Que na relação *EU-TU*, o *ELE*, já se faz presente no rosto do outro ser humano.

<sup>77</sup> LÉVINAS. Emmanuel. *De Deus que vem a Idéia*.p. 233.

<sup>78</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*.p. 21.

<sup>79</sup> Palavra grega que significa serviço desinteressado.

Percebe-se, agora, um mandato divino através do *vestígio* contido no seu *rosto*. O *vestígio* só é possível no ser transcendente. O que difere de um sinal, pois, nem todo sinal é *vestígio*, mas todo *vestígio* é sinal.

O modo de apresentação do *rosto* é uma abertura na abertura do mundo. Uma fissura que não sangra, mas traz coisas novas. É vir de uma dimensão *além do ser*. As coisas no mundo se revelam de outra maneira. Trazem consigo outros conteúdos que determinam diferentes formas de se apresentarem.

Mostram-se e se expõem em conteúdos desconhecidos num dado momento, pois desse modo, o *Além do ser* é uma terceira pessoa que não se define pelo *si mesmo*, pela *ipseidade*; rompem - pela *Terceira Pessoa* - a bipolaridade, a *transcendência* e a *imanência*, logo, *Ele* exprime sua inexprimível irreversibilidade. Estando fora do alcance de toda revelação e dissimulação, (absolutamente englobável, “ser” na modalidade de deixar um *vestígio*) é passar, partir e absolver-se.

A superioridade não está no mundo, mas numa *transcendência* irreversível: “No *vestígio* do *Outro* que reluz o *rosto*: que aí se apresenta, está por absolver-se da minha vida e me visita como já absoluto.”<sup>80</sup>

Nota-se, que nesse ponto, Lévinas, grafa *outro* com O (maiúsculo), buscando assim, demonstrar que o *Absolutamente Ausente* deixou o seu *vestígio*. Nesse sentido, também *passou*, no entanto, “seu *vestígio* não significa seu passado..., ele é o próprio desordenamento que se imprime”.<sup>81</sup>

## 1.6. Visitação

O Puro ato de deslocamento em direção a um lugar é somente um movimento frustrante, sem objetivos, mas se tem nele ao menos a saída. “O movimento e a marcha existem na própria subjetividade do sujeito”<sup>82</sup>. Para Lévinas, a Visitação é o movimento em direção ao *Outro* que se encontra a partir de seu

<sup>80</sup> Idem. *Humanismo do Outro Homem*. p. 79.

<sup>81</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. p. 79.

<sup>82</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Descobrendo a Existência com Husserl e Heidegger*. 193p;

rosto. “Chamo de *rosto* a manifestação daquilo que se pode apresentar tão diretamente a um Eu e, dessa forma, tão exteriormente”<sup>83</sup>. Nesse contexto se dá o processo de ensino-aprendizagem. Não é um monólogo, mas um diálogo imediato. “*A manifestação do rosto é toda linguagem*”<sup>84</sup>. Quando o educando vem à escola, ele está desejoso por ampliar os seus conhecimentos. A Filosofia tem muito a colaborar com esse desejo. A amplitude do seu conteúdo pode chamar a atenção do educando no processo de ensino-aprendizagem, pelo fato de aumentar-lhe a curiosidade ao refletir sobre determinados conceitos<sup>85</sup> ou disciplinas.

A visita vem de fora, do além, de onde procede o *rosto*. Traz, para o presente, recordações do que se dá na passagem demonstrada no aqui e agora do seu ser, desvendando um desejo: o desejo do que visita e do que é visitado, para além de todo o domínio e poder. Na sala de aula o Educador tem o papel de acolher os Educandos e de colaborar com a sua formação, tendo a possibilidade do pleno exercício de sua liberdade em contribuir com a formação dos que estão a meio caminho do curso superior. É evidente que cada educando tem a sua formação básica. Alguns lidam com maior facilidade com a reflexão crítica em cada disciplina; outros, porém, possuem maiores dificuldades. Cada um possui sua singularidade. Assim a sala de aula é um lugar ímpar.

Por isso, esse desejo não fixa uma expectativa, como se a cada momento em que o tempo passasse, uma espera se fundasse no concreto da existência. Esse movimento quebraria a originalidade da visitação enquanto surpresa (gesto espontâneo). De outro modo, a *responsabilidade* se faz presente para com o que se vem à frente, com toda a sua carência e miséria, trazendo um mandamento que se impõe no *frente a frente* com o outro; é puro dever de agir conforme o mandamento primário: “*não matarás*”. No ato de ensino-aprendizagem - por ser um ato de pura relação entre duas subjetividades - a saber: educando/educador, pode ocorrer o ato de “matar” a criatividade do educando. Acontece, principalmente, quando o educador não pensa em sua ação como protagonista da liberdade - em se tratando do ato de refletir por parte do educando de forma mais crítica e objetiva.

É o apelo vindo do *rosto* do *outro* que se interpõe entre o eu e o mundo, quebrando toda e qualquer redução fenomenológica ou ontologia. Essa *visitação*

---

<sup>83</sup> Ibidem, 211p;

<sup>84</sup> Idem;

<sup>85</sup> Particularmente em nossa experiência na docência de Filosofia no Ensino Médio, os conceitos de Realidade, Reflexão, Movimento, Força, Energia, Física, Biologia.

não é ordenamento. Ela não traz um sistema que venha a relacionar todos os mecanismos que passam na relação homem-mundo, como se compreendesse, a partir daí, toda a formulação do lugar de onde se encontra o *rostos*, mas, pelo contrário, ele nos vem remeter para o princípio do sistema, a uma *irretitude*<sup>86</sup>. O que pode surgir a partir dessa atitude, por parte do educador, é uma responsabilidade pela formação dos educandos, por sua compreensão da realidade na qual está inserido. É evidente que essa prática é para a liberdade. Liberdade do educador, ao exercer de forma plena o ato do ensino; liberdade do educando, em sua tentativa de abordar os conceitos postos pela Filosofia.

Não há uma direção para a origem do movimento que nos leva para o *rostos do outro*. Há, sim, um *passado imemorável* que se faz nessa relação, uma terceira via que vem ao encontro - no dito nu e cru - do *rostos do outro*. O *rostos* demonstra um *passado* absoluto e do *absolutamente ausente*. Nesse ponto, para Lévinas, uma *transcendência* se faz sentir na *imanência*: o *rostos do outro* fere o próprio horizonte do mundo sem sangrar. Um estado de glória que não acontece fora do sujeito, mas, certamente dentro dele.

Tudo isso para demonstrar a *epifania* do *rostos do outro* e suas consequências para a *ética*. De fato, há a demolição da ontologia e sua pretensão de relatar o *ser do ente*. Desse modo, “A *visitação do rostos não é, portanto, o desvelamento de um mundo. No concreto do mundo, o rostos é abstrato ou nu. Ele é despido de sua própria imagem*”.<sup>87</sup>

A exterioridade do humano é uma situação mais deplorável do que as realidades que se dizem fora do mundo ou do que os horizontes que estão para além do contato físico. Essa exterioridade desoladora em que se encontra o ente humano é mais absurda que qualquer outra relação a se apresentar no mundo. Assim pode-se dizer que o *rostos*, diferentemente à *intencionalidade*, faz uma abertura na concretude do mundo no qual manifesta. Essa é a novidade da *fenomenologia do rostos*.

Ele traz o *traço*, o *vestígio* do *Ausente*, mas não é o *Ausente*. “O *Deus que passou não é o modelo do qual o rostos seria a imagem. Ser a imagem de Deus*

---

<sup>86</sup> Neologismo que significa, ***não reta intenção***. O qual a Equipe do CEBEL – Centro Brasileiro de Estudos do Pensamento de Emmanuel Lévinas. Preferiu manter afim de não alterar o escrito do autor.

<sup>87</sup> LÉVINAS. Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. p. 59.

*não significa ser o ícone de Deus, mas encontrar-se no seu vestígio.*”<sup>88</sup> Essa é a diferença do método fenomenológico para Lévinas, em detrimento do método de Husserl. Para este, a noção de intencionalidade é que cada consciência é consciência de alguma coisa; já, para aquele, é totalmente de outra ordem, a desordenar a razão. Logo, o *rosto* não é um ícone da divindade, pois, não pertence à ordem do mundo em meio aos entes, mas traz um traço da divindade que se manifesta já se ausentando. Mas, o que nos vem a partir da manifestação do *rosto*? Quais as consequências desse encontro?

Observa-se assim que: *“Fenomenologia do rosto: remontar necessário a Deus, que permitirá reconhecer ou recusar a voz que, nas religiões positivas, fala às crianças ou à infância de cada um dentre nós, já leitores do Livro e intérpretes da Escritura.”*<sup>89</sup> Constatamos que é necessário uma reviravolta no próprio significado da palavra *Filosofia*, no sentido grego dessa expressão - *amor-da-sabedoria* -, amor pelo conhecer das realidades do mundo e das relações entre si.

Lévinas propõe a conversão para *sabedoria do amor*, um devotar-se ao outro e responder por sua miséria e nudez. Não se esquivar dessa responsabilidade por seu irmão, sem buscar o interesse ou o poder, mas pura *liturgia*. Um trabalho desinteressado em que se serve sem ser servido. Esse é o grande ensinamento do rosto do outro homem! Amar para além da atitude erótica que manipula e domina o outro, fazendo tornar-se mesmo:

*“Se o ao amor do “amor-da-sabedoria”, se ao amor que é a filosofia vinda dos gregos, interessava outra coisa além da certeza dos saberes que investe os objetos ou a certeza maior ainda da reflexão sobre estes saberes; ou se essa sabedoria, amada e esperada pelos filósofos não era, para além da sabedoria do conhecer, a sabedoria do amor ou a sabedoria à guisa do amor. Sabedoria que o rosto do outro homem ensina!”*<sup>90</sup>

A dimensão do *face a face* vem de encontro com a experiência de proximidade com O *rosto*, evento sobre o qual o *infinito* se insere, demonstrando o seu *rastro* nessa imanência. É nesse sentido, que se deve, por um momento, tentar entender a forma como Lévinas compreende o *encontro*. Quais as suas

---

<sup>88</sup> Ibidem. p 79.

<sup>89</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Entre Nós: Ensaio Sobre a Alteridade*. p. 284.

<sup>90</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. p 285.



consequências? Pode-se lembrar o modo como Lévinas trata o *rostro do outro* ser humano. Ele é pura *abertura*<sup>91</sup>. Está em total *vulnerabilidade*<sup>92</sup> diante do mundo.

“A abertura é vulnerabilidade de uma pele exposta, na ferida e na ofensa, para além de tudo aquilo que se pode mostrar para além de tudo aquilo que na essência do ser, pode expor-se à compreensão e à celebração. Na sensibilidade, “coloca-se a descoberto”, expõe-se um nu mais nu que o da pele que, forma e beleza, inspira as artes plásticas; nu de uma pele exposta ao contato, à carícia que sempre, e mesmo na voluptuosidade equivalente, é sofrimento do outro.”<sup>93</sup>

A palavra tem, hoje, uma conotação pejorativa de exposição: de se estar exposto diante de um *outro* ou de que vulnerabilidade é se submeter à incompreensão, aos maus tratos, bofeteadas e cusparadas ou ainda o *virar a face*.

## 1.7. O Encontro

Desse modo, compreende-se que não se deve permanecer numa atitude de fechamento quando um dado novo vem mostrar uma dimensão do seu ser, exatamente ao contrário do que se pretendia como o ser o centramento, enquanto se está vulnerável diante do mundo ou das ações das pessoas. Em tal contexto, nenhuma atitude é inocente.

Atente para a forma sobre como Lévinas postula no primeiro capítulo a visão do *desejo*: Exatamente uma atitude de desinteresse. Não há aqui uma exposição ao desejo erótico, nem volúpia, mas um evento de vulnerabilidade diante do mundo, que é “*aptidão – que todo o ser em sua ‘altivez natural’ teria vergonha de confessar – a ‘ser batido’, a ‘receber bofetadas’*”.<sup>94</sup> Se permanecer nesse sentido erótico do termo, estar-se-á diante da fuga do compromisso ético originário e pré-filosófico, em síntese, ao retorno do *mesmo*.

<sup>91</sup> Na obra *Humanismo do Outro Homem*, Lévinas designa ao menos três outros modos de *Abertura* além da *Vulnerabilidade*. No entanto, é sobre esta última forma que ele reflete sobre a *Responsabilidade*, que é um tema muito importante para a *Ética*.

<sup>92</sup> Porém, em sua obra da maturidade diz: “Por vulnerabilidade, procuro descrever o sujeito como passividade...” (...) “é o poder de dizer adeus a este mundo”. Cf. *De Deus que Vem à Idéia*. p. 120.

<sup>93</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. p. 118.

<sup>94</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. p. 119.

A exposição à vulnerabilidade do eu pode também, em certo sentido, ser percebida como uma humildade em que se sinta impotente diante da humilhação e do sofrimento do outro. É ter sinceridade em afirmar-se, sem defesa alguma, diante do mundo da história a se desenrolar, sentindo-se entregue a todos os tipos de incompreensões e maus-tratos, “A *palavra sinceridade recebe aqui todo o seu sentido: descobrir-se sem defesa alguma, estar entregue*”.<sup>95</sup>

Como uma exposição na concretude do mundo, insere uma extraordinária manifestação que desordena a ação do *eu* sobre si mesmo ou do ser sobre si mesmo. É a intencionalidade em que cada *consciência é consciência de*, referindo-se à *fenomenologia* de Husserl. No acontecimento do *face-a-face* não se dá um *desvelamento*: como se a partir da visão do *rosto* algo se desvelasse e atingisse, assim, o pleno conhecimento do *outro* em seu *rosto*.

Não ocorre uma *revelação* em que, após visada, o *rosto* se encontraria junto aos entes. Ali onde viveria em meio às coisas do mundo, formando um turbilhão; muito menos se dá como *intencionalidade*, na qual a *consciência* é determinada também por essas coisas que estão centradas em um sujeito cognoscente em que ela *é de alguma coisa*.

A *epifania* do *rosto do outro* seria tão somente o clarear de que: “a condição – ou incondição – de estrangeiro ou de escravo, no país do Egito, reaproxima o homem do próximo. Os homens procuram-se na incondição de estrangeiro. Ninguém está em sua casa.”<sup>96</sup> O *encontro* não se dá em um *rosto* imóvel, mas no *rosto* que se impulsiona para frente, numa relação sem reciprocidade.

Exatamente na contemplação do *rosto* que vem ao seu *encontro* com toda a sua nudez e miséria, na abstração, é que se dá o *face-a-face*. Um *encontro* que traz o *enigma* e uma *ordem*. O *Enigma da Ideia de Infinito* em nós - que age na *diacronia* do tempo - em cujo processo espaço e tempo se curvariam, demonstra uma descontinuidade; remete sempre para o passado que o presente apresenta e a possibilidade do futuro é imanifestável.

Chama-se, em causa, um passado imemorável, cuja *extra-ordinariedade* de uma transcendência perfaz a imanência, não nega o *Transcendente*. Ordem que significa o *mandamento* da *responsabilidade* para com aquele que *está à frente*.

---

<sup>95</sup> Loc. Cit.

<sup>96</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. p. 124.

*Responsabilidade pelo irmão.* O que poderia tornar-se uma *obsessão*, segundo o filósofo franco-lituano: “A *vulnerabilidade é obsessão pelo outro ou proximidade do outro*”<sup>97</sup>. A *epifania do face a face* retira o Eu (Moi) do seu centramento, produzindo um sair do sono *dogmático* ou da *preguiça*; de encontrar-se *em casa*, na habitação. Ser EU (Moi) traz o fator de que só ao eu cabe essa responsabilidade e a mais ninguém. Nas palavras do próprio Lévinas, tem-se a seguinte proposição:

“Ser Eu (Moi) significa, a partir daí, não se puder furtar à responsabilidade, como se todo o edifício da criação repousasse sobre meus ombros. Mas a responsabilidade que esvazia o Eu (Moi) de seu imperialismo e de seu egoísmo – seja ele egoísmo da salvação – não o transforma em momento da ordem universal, porém, confirma unicidade do Eu (Moi). A unicidade do Eu (Moi) é o fato de que ninguém pode responder em meu lugar.”<sup>98</sup>

Nesse caso, a responsabilidade pelo outro, que se apresenta em sua miséria e nudez, é infinita. Ele é o mestre e senhor. Ele vem da dimensão de altura. Ser responsável pelo outro é ser solidário para com toda a humanidade sofredora que se encontra no anonimato, “*Proximidade que não se reduz nem a representação do outro, nem a consciência proximidade. Sofrer pelo outro é ser responsável por ele, suportá-lo, estar em seu lugar, consumir-se por ele*”<sup>99</sup>. Esse é o sentido Lévinasiano para o ser próximo do outro. É reconhecer, pela sua *eleição*, como o único que pode responder pelos maus-tratos para com o *outro*. Tem-se, assim, a possibilidade de responder, ‘*eis me aqui!*’. É uma atitude não correspondente ao ser para o fim, em que todas as possibilidades de ultrapassamento são extintas. Restam tão somente a *angústia* e a *nostalgia*. Seria essa, de fato, a finalidade da existência? E somente para isso o ser existe? Então se justificaria a autodestruição de todos os recursos utilizáveis!

A *extra-ordinariedade da fenomenologia do rosto* vem arrancar o eu do centramento egoísta e, ao mesmo tempo, incomodar em sua habitação. Mostrar que há algo a mais que se apresenta como *A-Deus*. Despedida do transcendente que cruzou a imanência como um *rastro luminoso* de um meteorito que, cruzando a atmosfera, imediatamente se apaga na imensidão.<sup>100</sup> *Tu* és eternamente responsável pelo teu irmão é o *rastro* da divindade que nos tira de toda a angústia. Essa é a única relação possível a partir desse *encontro*.

<sup>97</sup> Ibidem. p. 119.

<sup>98</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. p. 61.

<sup>99</sup> Ibidem. p. 119.

<sup>100</sup> Sobre este conceito verifique a nossa nota sobre o *Traço (La Trace)* contida no segundo Capítulo.

É no *face a face* que se toma consciência que o *Absolutamente Ausente* vem ao seu *encontro* no *rostro* do *outro*, como palavra de Deus: “Na *minha relação a outrem*, escuto a *palavra de Deus*. Não é *metáfora*, não é só *extremamente importante*, é *verdadeiro ao pé da letra*. Não digo que *outrem é Deus*, mas que, em seu *Rosto entendo a Palavra de Deus*.”<sup>101</sup>

Revela-se a imposição de *obediência* e *servidão* do eu por ele e não o contrário. A reciprocidade eliminaria a alteridade daquele que vem como mestre e senhor. A obediência como resposta ao chamado, a *eleição*. *Servidão* como um trabalho desinteressado, *diaconia* diante do seu mestre e senhor. A *acolhida do outro* ser humano na nudez e indigência de seu *rostro* é uma relação da maturidade de uma *religião* não positiva, que para Lévinas significa a ação em que,

“*Cara a cara com o outro num olhar e uma palavra que mantêm a distância e eles interrompem todas as totalidades, seja ser-junto como separação precede ou alarga a sociedade, ou coletividade, a comunidade. Lévinas chama isto religião. E isto abre a éticas. A relação ética é uma relação religiosa.*”<sup>102</sup>

*Religião* que significa deixar de ser ou mais precisamente de exercer o seu direito de ser uma “*Anterioridade pré-original que se poderia, certamente, chamar religiosa, caso o termo não fizesse correr o risco de uma teologia, impaciente em recuperar ‘o espiritualismo’: presente, representação e princípios, excluindo precisamente o ‘aquém’*”.<sup>103</sup> Ela é sem limites, à medida que tira o sono, a *preguiça* e comodidade do centramento do eu em si mesmo.

*Está em casa*<sup>104</sup> é a atitude primeira e básica para o acolhimento do *outro*, pois “*os justos terão cada um sua residência*.”<sup>105</sup> Ser responsável é se saber possuidor de muitos deveres, não só para com a humanidade, mas com toda a criação que carrega sobre os ombros.

<sup>101</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Entre Nós: Ensaio Sobre a Alteridade*. p. 151.

<sup>102</sup> A esta compreensão optamos pela proporcionada por Derrida: “*Cara a cara com el outro en una mirada y una palabra que mantienen la distancia e interrumpen todas las totalidades, este estar-juntos como separación precede o desbordar la sociedade, la colectividad, la comunidad. Levinas lo llama **religión**. Y ésta abre la ética. La relación ética es una relación religiosa (DL).*” Cf. DERRIDA, Jacques. *Violencia y Metafísica: Ensayo sobre el pensamiento de Emmanuel Levinas*. p. 21 – Traducción de Patricio Peñalver en DERRIDA, J; *La escritura y la diferencia*, Anthropos, Barcelona, 1989, pp. 107-210. – htp: [www.derridaencastellano.org](http://www.derridaencastellano.org). junho de 2006.

<sup>103</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. p. 90.

<sup>104</sup> Noção que Lévinas usa para expressar os entes no mundo.

<sup>105</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Do Sagrado ao Santo: Cinco Novas Interpretações Talmúdicas*. p. 37.

Há a percepção de um encontro originário com todo o sentido de nossa existência que, posteriormente, Lévinas diz: “*Não ter onde morar, não ter interior, é não se comunicar verdadeiramente com o outro.*”<sup>106</sup>

Isso é remeter-se para além da nossa existência. O responsável e o único que pode assumir a essa eleição, é o eu. Ninguém pode responder em seu lugar. Ter uma vida interior própria é a condição para a acolhida do *outro* que vem ao encontro, pois assim, “*depois do medo e da angústia – a possibilidade de uma sociedade em que cada um tenha sua residência, volte para sua casa e para si, e veja o rosto do outro.*”<sup>107</sup>

A ontologia nem a intencionalidade, nesse caso, não se fazem necessárias, visto que não se é mais infantil, pois essas características marcam “*uma humanidade que atingiu a plenitude de suas responsabilidades e de sua consciência de si. A humanidade que não é mais infantil.*”<sup>108</sup>

A humanidade ainda não chegou, mas - com certeza - a partir da *epifania do rosto do outro*, já se está - ao menos - na sua *juventude*, contemplando a possibilidade de um futuro que se mostre de fato novo e melhor. Existe, por isso, a necessidade de uma nova educação, uma que busque a maturidade humana diante das mazelas dos outros: que não seja só no sofrimento do indivíduo, mas de todas as possibilidades oferecidas pela existência humana, sabendo-se possuidor da infinita responsabilidade por seu irmão. Esse é o compromisso *profético* e *originário*. Não se pode recuar diante de tal premissa, da eleição que Ele nos pede.

O *encontro* não é assim como o desejo de um encontro erótico, mas exatamente um *encontro* do ser *finito* com o rastro do infinito, o *mais no menos*.

O *encontro* com o que é o meu mestre, na fala do próprio Lévinas, é o *encontro* com o *vestígio* do *Absolutamente Outro* no *rosto* do *outro*. É um evento que escapa a qualquer dominação ou violência, mesmo a posse lhe escapa.

Nota-se um acontecimento originário: a missão do filósofo de agora em diante é *ser responsável pelo seu irmão* e não primeiro conhecer as verdades, mas se fazer solidário com o *pobre e miserável, o órfão e a viúva*. Fazer-se solidário é estar em um tempo para além do presente, é agir num futuro para além do seu. É não parar na sua morte e não se preocupar com o que virá. Como Lévinas relata,

---

<sup>106</sup> Idem.

<sup>107</sup> Loc. Cit.

<sup>108</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Do Sagrado ao Santo: Cinco Novas Interpretações Talmúdicas*. p. 22.

*“1941! – buraco na história – ano em que todos os deuses visíveis nos haviam abandonado, em que um deus (sic.) verdadeiramente morreu ou retornou à sua irrevelação. Um homem, na prisão, continua a crer num futuro não revelado e convida a trabalhar no presente, para as mais distantes coisas às quais o presente é um irrecusável desmentido. Há uma vulgaridade e uma baixeza numa ação que só se concebe para o imediato, isto é, no fim de contas, para nossa vida. E há uma nobreza muito grande na energia que se liberta da concreção do presente. Agir em prol de coisas distantes no momento em que triunfava o hitlerismo, nas horas surdas desta noite sem horas – independentemente de toda avaliação de ‘forças em presença’ – é sem dúvida, o vértice da nobreza.”<sup>109</sup>*

O primeiro evento é a aceitação de que ninguém pode substituí-lo. Somente o eu pode responder “eis me aqui” e depois se abre, então, a experiência do *amor desinteressado*, um amor que é capaz das lágrimas diante da *nudez do outro* que se aproxima: *“Todo amor ou todo o ódio do próximo, como atitude refletida, supõe esta vulnerabilidade prévia: misericórdia, ‘gemido de entranhas’”*.<sup>110</sup>

Uma comoção interior,<sup>111</sup> que rompe com qualquer totalitarismo ou egoísmo, mas torna-se um descentramento, pois o humano não possui um lugar privilegiado no cosmos. Seu privilégio agora consiste em se colocar a serviço do seu irmão numa fraterna e sincera *diaconia*. Esse desinteresse mostra-se profundamente, sabendo-se cumpridor de sua missão de obediência para com o *Outro* que se mostra sempre mais frágil que o eu. Toma-se, assim, consciência do existir e: *“Diante de uma humanidade consciente de si própria e que não tem mais necessidade de ser educada nossos deveres não têm limites.”*<sup>112</sup>

No *encontro* com o *rostro* do *outro* encontra-se a transcendência que não exclui o transcendente a ponto de incluí-lo com as coisas do mundo, um ente em meio a tantos entes. Qual a necessidade da ontologia: justificar os acenos de

<sup>109</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Do Sagrado ao Santo: Cinco Novas Interpretações Talmúdicadas*. p. 54.

<sup>110</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Do Sagrado ao Santo: Cinco Novas Interpretações Talmúdicadas*. p. 120. O termo entre aspas simples, ‘gemido de entranhas’, esta explicado na nota infra citada.

<sup>111</sup> Rakhamin, expressão hebraica que significa *útero*, uma comoção interior como um movimento das entranhas. Foi traduzido não muito bem por misericórdia. Segundo Albert Nolan, *Jesus Antes do Cristianismo*, “A palavra ‘compaixão’, é fraca demais para exprimir a emoção que movia Jesus.” E mais a frente ele diz: “O verbo grego *splagchnizomai*, usado em todos esses textos, é derivado do substantivo *splagchnon*, que significa intestinos, vísceras, entranhas, ou coração, ou seja, as partes internas das quais parecem surgir as emoções fortes. O verbo grego, portanto, significa movimento ou impulso que brota das próprias entranhas da pessoa, uma reação das tripas.” Cf. NOLAN, Albert. *Jesus Antes do Cristianismo*. p. 49.

<sup>112</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Do Sagrado ao Santo: Cinco Novas Interpretações Talmúdicadas*. p. 22.

violência ou de exclusão do outro? Somos todos apátridas<sup>113</sup>: seres separados no mundo da existência que não pediu seu consentimento!

Ser *estrangeiro* é não se sentir *em casa*, não pertencente ao mundo; participe da mesma natureza das coisas, possuindo, porém, uma centelha divina. É sentir-se peregrino, passageiro. Não se irmanar às coisas, aos objetos e utensílios. Nesse contexto não necessita parar na morte, mas deixar passar. Continuar a fazer o que tem que ser feito. É a condição de ser *eleito*. A *eleição* é saber que se é o único a responder pelo outro, é consumir-se de preocupação para como o *outro*, é fazer o que ninguém pode fazer em seu lugar.

A justiça é a serva da liberdade, no entanto, a responsabilidade faz do Eu (Moi) servo do *outro*. Obrigado a servi-lo sem medidas, infinitamente; descentrado do seu lugar no mundo, deve agora agir com humildade, pois o homem não é um ser especial em meio as coisas do mundo, nem possui um lugar privilegiado no universo.

*“Em toda esta realidade ‘correta’, o contra-senso dos vastos empreendimentos frustrados – em que política e técnica resultam da negação dos projetos que os norteiam – mostra a inconsistência do homem, juguete de suas obras. Os mortos que ficaram sem sepultura nas guerras e os campos de extermínio afixam a idéia de uma morte sem amanhã e tornam tragicômica a preocupação para consigo mesmo e ilusórias tanto a pretensão do animal rationale (sic) a um lugar privilegiado no cosmos, como a capacidade de dominar e de integrar a totalidade do ser numa consciência de si.”<sup>114</sup>*

Marchando para além do *egoísmo* - seguindo em frente, para o *outro* modo de ser - percebe-se o vestígio do *Absolutamente Ausente*, mas não o seu *rostro*, nem por isso desconhecemos suas pegadas. Capta-se ao menos um vulto. É então pronunciado *A-Deus!* e afeta essa passagem. O Eu (Moi), que na sua nostalgia não é um anjo decaído ou um anjo habitando o mundo, mas é eleito para responsabilizar-se por toda a obra da criação, “*que faz apelo a mandamentos, esta diferença entre eu (moi) e o mundo estende-se por obrigações para com os outros,*”<sup>115</sup>, deixa o *Transcendente ser Transcendente* - e não pertencente ao mundo - longe do

<sup>113</sup> Termo que Lévinas retira da Torah (Levíticos, 25, 23) aonde se lê, “Nenhuma terra será alienada irrevogavelmente, pois, a terra me pertence, pois vós não sois senão estrangeiros, domiciliados em minha casa”. E do Salmo 119, “Eu sou estrangeiro sobre a terra, não me oculteis teus mandamentos”. *Humanismo do Outro Homem*. p. 123. Em outra passagem Lévinas afirma: “A estranheza do homem ao mundo, condição de apátrida.” Cf. LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. p. 114.

<sup>114</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. p. 83.

<sup>115</sup> Ibidem. p. 123-124.

dualismo platônico entre matéria e espírito<sup>116</sup>, corpo e alma. São novos moldes do filosofar Lévinasiano, cujo ponto culminante é que: “*toda experiência filosófica repousa numa experiência pré-filosófica.*”<sup>117</sup> Nesse contexto fica claro que seu projeto é: “*colocar os problemas do Talmude na perspectiva filosófica!*”<sup>118</sup>, ou seja, a ética como um acontecimento pré-filosófico e como a filosofia primeira. O que significa a expressão *pré-filosófica*, ou ainda *colocar os problemas do Talmude na perspectiva filosófica* para Lévinas?

Seu significado assenta-se num substrato onde as ações humanas mais simples são tão ou mais importantes que reflexão, ao mesmo tempo em que a ética vai se tornando a filosofia primeira. A única atitude possível que venha descentrar os mecanismos *ego-lógicos*, seja, talvez, essa da responsabilidade por meu irmão a ponto de morrer por ele. É o sentido Lévinasiano de religião. *Religar* o compromisso para com o outro que se estabelece com a *epifania do rosto*. É um evento vivo, pois o rosto não é inerte, mas nos fala e traz consigo a dimensão da transcendência.

## Capítulo 2

### O Ensino de Filosofia no Ensino Médio: Dificuldades e Itinerários

#### 2.1. Dificuldades

Compreender a importância do Ensino de Filosofia para o educando do Ensino Médio não é uma tarefa fácil! O educando vem para a sala de aula com várias ideias sobre temas que pouco compreende, principalmente na atualidade em

---

<sup>116</sup> “A noção hebraica, *basa*, “carne”, indica adequadamente o ser unitário inteligível-sensível do homem, sem dualismo de corpo e alma”. Cf. DUSSEL, Enrique. *Método Para Uama Filosofia da Libertação*. p. 197.

<sup>117</sup> LÉVINAS, Emmanuel. In *Filosofias. Entrevistas do Le Monde*. 1990. p 130.

<sup>118</sup> *Ibidem*. p.131.



que o acesso à internet promove uma “avalanche” de informações. Isso é negativo, pois não há um filtro sequer. O que se pode, então, aproveitar? Existem, ainda, aqueles que pensam que a Filosofia é uma disciplina sem necessidade ou que é muito abstrata na abordagem dos seus temas. Nas palavras de GALLO, temos:

*“O desafio do professor de filosofia no Brasil hoje, assim, consiste em inventar uma prática de modo que o aprendizado de filosofia faça sentido para os jovens estudantes. Só assim a inclusão da disciplina nos currículos poderá efetivar-se e consolidar-se.”<sup>119</sup>*

O Ensino de Filosofia no Ensino Médio é um problema central na prática educacional da disciplina. A busca pela adequação do Conteúdo Básico Comum (CBC) à realidade do educando é uma constante no exercício da docência. A sala de aula não é uma Ágora, a praça pública grega onde os Filósofos discutiam os seus temas e transmitiam suas reflexões a seus adeptos, mas é um laboratório onde experimentos são construídos e, por vezes, ocorre uma dissonância entre Educador-Tema-Educando. *“O problema é que o ensino de filosofia na educação média tem suas especificidades e não pode ser simplesmente a transposição do ensino universitário simplificado e/ ou diminuído<sup>120</sup>”*. Várias são as metodologias e indicações de práticas didáticas indicadas por diversos pesquisadores desse campo. Apesar de estar presente em textos de alguns filósofos, o campo de pesquisa sobre o Ensino de filosofia ainda é uma área muito nova e bem poucos têm se debruçado sobre questões filosóficas.

Sabe-se que a tecnologia permeia o cotidiano dos jovens educandos da atualidade e, diferentemente da sala de aula, possui os mais variados tipos de atrativos, condição ainda não acompanhada pelos educadores no contexto da aula em si.

*“O novo cenário escolar afetado por esta enxurrada tecnológica pareceu, inicialmente, muito inovador. A crença no poder da tecnologia a serviço do conhecimento não permitiu a real problematização necessária para compreender até que ponto as tecnologias beneficiaram o aprendizado escolar, a capacidade crítica dos estudantes e o inalienável papel da escola de promover integração social.”<sup>121</sup>*

---

<sup>119</sup>In RODRIGO, Lidia Maria. *Filosofia em Sala de Aula: Teoria e Prática para o Ensino Médio*. Prefácio; XI p;

<sup>120</sup>In RODRIGO, Lidia Maria. *Filosofia em Sala de Aula: Teoria e Prática para o Ensino Médio*. Prefácio; XI p;

<sup>121</sup> ANDRADE, Carla Rodrigues de. *Os Efeitos Negativos da Internet na Educação*. p 2;

Entretanto exige-se uma maior preocupação dos educadores ao utilizar os recursos da internet, a fim de evitar uma utilização ineficiente no contexto do ensino-aprendizagem,

*“O que se viu nascer no processo de inserção das tecnologias no ambiente escolar foi uma outra relação pedagógica ainda não muito bem estudada e compreendida pela própria pedagogia e pelas teorias da educação. Sabe-se que a escola não está mais recebendo aquele modelo de aluno tradicional, desinformado, alheio a realidade global, isento de pré-conceitos. Os estudantes que frequentam a escola na atualidade são os chamados plugados, aqueles que passam várias horas 3 diárias, conectados às redes sociais, trocando informações, dialogando com pessoas distantes de sua realidade social, mas que, por outro lado parece distante da sua própria realidade.”<sup>122</sup>*

Assim, é imprescindível o acompanhamento dos educandos nas atividades em que se utilizam dos recursos virtuais para pesquisas. Dessa forma as reflexões de Zygmunt Bauman são esclarecedoras, principalmente ao relatar sobre as perdas.

*“Não há como contestar que a internet nos trouxe grandes vantagens. A facilidade de acesso à informação, a facilidade com que podemos ignorar as distâncias... Lembro-me de que, quando era jovem, passava muito tempo na biblioteca tentando ler cem livros para encontrar um pedacinho de informação de que precisava. Agora, basta pedir para o Google. Em décimos de segundo ele dá milhares de respostas. Um problema foi eliminado: nós não precisamos passar horas na biblioteca. Mas há um novo problema. Como vou compreender essas milhares de respostas? — questionou Bauman, logo recorrendo à Grécia Antiga para continuar. — Só agora, idoso, consegui entender Sócrates: “Só sei que nada sei”.”<sup>123</sup>*

Logo, nessa pesquisa não há o desejo de questionar a utilização desses recursos, mas os seus modos de utilização pelos educandos. Assim,

*“Não há como conceber a sociedade do futuro sem tecnologia. Então, se não pode vencê-la, una-se a ela. Tente contrabalancear o impacto negativo, como a crise da atenção, da persistência e de paciência. É preciso ter determinadas qualidades se você deseja construir conhecimento e não só agregá-lo: paciência, atenção e a habilidade de ocupar esse local estável, sólido, no mundo que está em constante movimento. É preciso trabalhar a capacidade de se manter focado.”<sup>124</sup>*

A utilização da internet ainda não é positiva nesse contexto de Ensino-Aprendizagem da Filosofia, pois a rapidez no acesso à informação prejudica a

<sup>122</sup> ANDRADE, Carla Rodrigues de. *Os Efeitos Negativos da Internet na Educação*. p 2;

<sup>123</sup> ALFANO, Bruno. *Zygmunt Bauman: “Há uma Crise de Atenção”*. In O Globo;

<sup>124</sup> Idem;

qualidade da apreensão de um conceito filosófico e da sua relevância para o cotidiano dos educandos. Dessa forma é necessário comentar que,

*“Quando falamos de tecnologia, num primeiro momento, nos vem em mente a ideia de muitos avanços, de melhorias significativas na vida social, de implementos indispensáveis na educação, mas, com olhar mais aprofundados sobre a relação ser humano/tecnologia percebemos que não foram somente benefícios que a tecnologia trouxe para os lares, famílias e escolas. Estes enfrentam problemas devido ao uso em excesso do computador com seus dispositivos de acesso à internet, principal porta de entrada para o universo global de informações.”<sup>125</sup>*

O puro ato de pensar requer um maior tempo de contato com o texto. A reflexão exige um tempo extra com autores e obras, a fim de contextualizar, na tradição filosófica, o como essa abordagem teve sua origem e foi discutida, ou seja, a sua contextualização histórica.

Um exemplo notável é Platão. Na sua Obra “A República”, no Livro VII, demonstra as dificuldades encontradas na busca por sair da caverna e de suas ilusões ao empreender a emancipação dada pela apreensão da verdade. Por outra via, no tocante ao Ensino de Filosofia, Kant quando diz “*Não se ensina Filosofia, mas filosofar*”, provavelmente se refere à existência da necessidade da visitação e do encontro com o outro - o educando - carregando visões sobre um mundo que ainda pensa possuir. Existiria, na tradição filosófica, uma reflexão que caminhasse na direção do encontro entre educador e educando?

Assim, percebe-se, na atualidade, um fenômeno que ronda a Filosofia e atinge o seu ensino no Ensino Médio. Esse modo de compreendê-la como uma disciplina abstrata e fora do contexto social em que o educando está inserido, aponta diretamente para a necessidade de uma revisão do processo que norteia o seu ensino. Essa fala, ao mesmo tempo, demonstra a falta de contato com a História da Filosofia. “*O resultado de todo esse processo e essa história é que entre nós se desenvolveu muito pouco o campo de estudos e pesquisas em torno de uma didática da filosofia*<sup>126</sup>”.

A Filosofia surge em praça pública e está relacionada com o cotidiano das pessoas. É possível que se encontre, em algum momento, certo desconforto entre o

<sup>125</sup> ALFANO, Bruno. *Zygmunt Bauman: “Há uma Crise de Atenção”*. In O Globo; p 1;

<sup>126</sup> RODRIGO, Lidia Maria. *Filosofia em Sala de Aula: Teoria e Prática para o Ensino Médio*. Prefácio; X p;

educador na presença do educando, o fenômeno inverso não é menos verdadeiro. O marco central é a Lei 11.684/2008 que torna obrigatório o ensino de Filosofia nos três anos do Ensino Médio. Agora ronda o desmanche desse processo: a exclusão da sua obrigatoriedade.

## 2.2. Itinerários

É notório, no Ensino Médio, o descaso existente em relação ao Ensino de Filosofia e, de modo mais acirrado, o de temas próprios da disciplina. Para muitos, são temas abstratos e sem nenhuma relação com a vida e a formação das pessoas. Mesmo para o processo de apreensão da realidade, a Filosofia, para muitos, tem pouco a oferecer (ASPIS, 2009; CAMPANER, 2012; NOVAES, 2010). Desconhecem a tradição do pensamento Ocidental que permeia todas as estruturas da realidade em que se apoiam culturalmente - ou do sentido amplo da existência social ou a tomada de consciência (conscientização). Há muitos que pensam que a aquisição de habilidades em Filosofia se relaciona com um grupo seletivo de homens eruditos (GHEDIN, 2009).

Outro ponto a ser relatado é o processo de ensino-aprendizagem de conceitos filosóficos, pois ninguém escolhe o que não conhece, por isso, é necessário aos jovens oportunidade de saber o que é a Filosofia, qual é a sua proposta, seus sentidos, seus significados e quais problemas humanos procuraram e procuram responder (GHEDIN, 2009).

Por outra via, muitos profissionais da educação comentam as dificuldades enfrentadas por educadores de Filosofia na abordagem de temas relacionados à História da Filosofia. Relatam como os Filósofos são abstratos em suas teses e, por vezes, afirmam que analisá-los é impossível. Evidente que toda disciplina possui um grau de dificuldade, mas impossível de ser ensinada.

*“Diante de tais questões, a postura de alguns profissionais da filosofia tem se caracterizado por certa ambigüidade. Por um lado, conservam a esperança iluminista de que a difusão da filosofia possa contribuir*

*para a saída da minoridade ou para socializar uma educação instituída na perspectiva da autonomia intelectual;*<sup>127</sup>

A sala de aula ainda é o lugar privilegiado para inferir as implicações da decência na formação da consciência crítica dos educandos, tanto no início quanto no término do ensino médio. A relação entre educador e educando deveria apontar para uma hospitalidade entre esses dois mundos. Por questões históricas, os dois mundos se distanciaram, mas, a partir de 2008, voltaram a coexistir. A distância e o tempo retiraram do cenário do educando a necessidade do estudo de Filosofia, suas implicações para sua formação e para a concretização de seus sonhos futuros. Ao mesmo tempo que,

*“Será preciso conceber estratégias didáticas que facilitem a superação da distância existente entre as exigências teóricas-epistemológicas do saber filosófico e a formação educacional de boa parte dos alunos oriundos dos segmentos sociais menos favorecidos, justamente os que mais precisam de ajuda ou intermediação com vistas ao seu aprimoramento intelectual.”*<sup>128</sup>

Muitas propostas para o Ensino de filosofia, no Ensino médio, já foram apresentadas. O intuito: apontar para um itinerário mais confortável nesse campo, por vezes, tido como muito complexo para prática filosófica em sala de aula. Vários artigos sobre a contribuição da reflexão lévinasiana para essa temática surgiram: não só no Brasil, mas em outros países.

A Filosofia deve ser compreendida como a forma de retirar as vendas que o cotidiano promove na mente do educando. Derrubar o mito que diz ser impossível a compreensão de termos especificamente filosóficos. *“É importante pensar que o que poderá, desde o início, trazer o interesse dos alunos para as aulas é a aproximação que se possa fazer das questões a serem tratadas em nossas vidas, nossa realidade”*<sup>129</sup>. Ao mesmo tempo que os leva ao processo de reflexão, de pensar por si e de forma adequada. São perceptíveis as falhas do ensino regular quando a capacidade de interpretação textual dos nossos educandos são postas à prova por avaliações como o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) ou quando se inscrevem em um concurso público. Ao mesmo tempo, *“se conseguirmos logo no começo mostrar aos alunos que a filosofia trata das questões humanas mais*

<sup>127</sup> RODRIGO, Lidia Maria. *Filosofia em Sala de Aula: Teoria e Prática para o Ensino Médio*. 2 p;

<sup>128</sup> Ibidem; 4 p;

<sup>129</sup> ASPIS, Renata Lima & GALLO, SÍLVIO. *Ensinar Filosofia: Um Livro para Professores*. 76p;

*fundamentais e que estas são exatamente aquelas com quais nos debatemos quando não estamos por demais tomados pelo corre-corre cotidiano, isso aumentará seu interesse*<sup>130</sup>. Deve-se refletir sobre as origens de tal falha, os modos e as possibilidades para sua correção, além de uma possível retomada de um caminho mais viável. Compreende-se que o Ensino de Filosofia tem um papel primaz para contribuir com a tomada de consciência por parte dos educandos.

Lévinas tem muito a colaborar com a reflexão posta (sobre a importância do Ensino de Filosofia no Ensino Médio), ao apontar a ética como a Filosofia Primeira sendo um resultado do encontro. E, apesar desse filósofo não ter escrito uma obra específica sobre o Ensino de Filosofia ou sobre educação, o seu projeto filosófico é permeado por conceitos que apontam em direção a uma nova forma de ensino-aprendizagem.

A Filosofia tem muito a oferecer ao educando no seu processo de aprendizagem, propiciando um *encontro*: *“com todos os riscos que o encontro exige e toda a insegurança e inquietação que ele provoca.*<sup>131</sup>” Ela se faz tão necessária para a formação dos jovens no futuro porque *“Na educação, o sujeito que não se expõe ao desconhecido é incapaz de sentir a força transformadora do encontro com o Outro, a qual está na base da experiência educativa”*<sup>132</sup>. Um território fértil se abre para ambas as partes. O educando passará a compreender em que solo está enraizado (a cultura ocidental) e para a Filosofia, *“a possibilidade de fazê-lo sair do mesmo que o acompanhava até então e descobrir no outro os vestígios de um homem para além de si mesmo”* (LÉVINAS, 1997; 2002). O *mesmo* na compreensão filosófica de Lévinas aponta para o centramento egológico do Eu em permanecer em si, impedindo a possibilidade do *Encontro* (LÉVINAS, 1997; 2002). Nas palavras de MIRANDA, *“romper com o pensamento alérgico ao outro na educação não é algo que acontece de um só golpe, pois requer, entre outras coisas, certos desprendimentos de si e exposição ao Outro que nos vem ao encontro na experiência educativa”*.<sup>133</sup>

<sup>130</sup> RODRIGO, Lidia Maria. *Filosofia em Sala de Aula: Teoria e Prática para o Ensino Médio*. 76p;

<sup>131</sup> MIRANDA, José Albuquerque de. *Levinas e a Reconstrução da Subjetividade Ética: Aproximações com o Campo da Educação*. Revista Brasileira de Educação, vol. 19, num. 57, abril – junho, 2014, p 471;

<sup>132</sup> Idem.

<sup>133</sup> MIRANDA, José Albuquerque de. *Levinas e a Reconstrução da Subjetividade Ética: Aproximações com o Campo da Educação*. Revista Brasileira de Educação, vol. 19, num. 57, abril – junho, 2014, p 471;

Muita pesquisa sobre a relação da obra de LÉVINAS com a pedagogia e a Educação, de um modo mais geral, tem sido produzida no Brasil e no exterior, como pode ser percebido na proposta da Pedagogia do Êxodo<sup>134</sup>. Apesar dela não fazer parte do objetivo da presente pesquisa, é citada apenas como forma de confirmar o desenvolvimento de uma proposta lévinasiana para a Educação (COSTA et al, 2012; ALVES, 2012; ALVES, 2013).

Aqui, a abordagem fenomenológica de Lévinas sobre a *Visitação* e o *Encontro* com o outro, traz um questionamento a respeito do ensino de Filosofia, pois “*Um desconhecido tocou à minha porta e interrompeu o meu trabalho. Fiz-lhe perder algumas ilusões. Mas ele pôs-me a par dos seus assuntos e dificuldades, perturbando a minha boa consciência*”.<sup>135</sup> Nessa passagem nota-se a força de um evento, aparentemente simples e corriqueiro, que é a visita de alguém. O mesmo pode ocorrer no Ensino de Filosofia.

A abordagem fenomenológica de Lévinas sobre a *Visitação* e o *Encontro* com o outro é uma referência que norteia uma revisão na forma como o Ensino de Filosofia é apresentado pelos educadores. “*Na educação, o sujeito que não se expõe ao desconhecido é incapaz de sentir a força transformadora do encontro com o Outro, a qual está na base da experiência educativa*”.<sup>136</sup> A Filosofia, no currículo, para o educando, parece estar ali como uma disciplina que preenche uma lacuna e não uma disciplina que sirva para a formação do compreender/apreender o mundo.

A sala de aula seria o lugar da *Visitação* e do *Encontro* entre dois mundos até então díspares: educando e disciplina de Filosofia, ao mesmo tempo, apontaria para a Ética da Responsabilidade: “*No acontecer dessa relação, a experiência educativa se faz a partir do encontro com a alteridade e inaugura o ensinamento ético da responsabilidade pelo Outro*”.<sup>137</sup> Bastaria, para tanto, fazer o movimento tão comentado por Lévinas, o encontro entre o Ocidente e o Oriente. A tradução para Filosofia do grego é: “*Amor pela Sabedoria*”; já o hebraico, linguagem original de Lévinas, escrito da direita para a esquerda, recomenda a “*Sabedoria do Amor*”.

Existe uma possibilidade do *encontro*, entre o educador de Filosofia e do educando, estabelecendo o diálogo (*Visitação*), ou seja “*estar face-a-face com o outro*” (LÉVINAS, 1997;). Tão necessário para a edificação de uma

<sup>134</sup> Tese de doutoramento apresentado na UFRGS;

<sup>135</sup> LEVINAS, Emmamuel. *Descobrendo a Existência com Husserl e Heidegger*. p.250-251;

<sup>136</sup> *Ibidem*; p 471;

<sup>137</sup> *Ibidem*; 474p;

*“relação mais radical e originária que se estabelece entre professor e aluno ou discípulo e mestre na situação educativa é uma relação face a face que se traduz na atitude de acolhida e compromisso com o educando, quer dizer, uma atitude de responsabilidade e hospitalidade ao dizer do Outro.”<sup>138</sup>*

Pensar livremente não é uma tarefa fácil, mas se o pensar se estrutura sobre os conceitos refletidos dentro da tradição filosófica, com toda certeza, terá maior clareza. (ASPIS, 2009; CAMPANER, 2012).

### 3. Capítulo

## **Proposta para a Utilização da Abordagem Lévinasiana no Currículo de Filosofia no Ensino Médio**

As dificuldades curriculares no Ensino Médio podem ser percebidas por todas as disciplinas desse nível de aprendizagem, mas de modo mais acentuado no campo da Filosofia. O desencontro é a marca de cada aula nas turmas a serem atendidas. Percebe-se como um elo nesse contexto foi rompido. Boa parte promovida pela tecnologia da informação. Pode ser utilizada de modo positivo, com acompanhamento do educador, enquanto mediador do processo. Nesse capítulo, serão relatadas as experiências e reflexões, a partir da utilização da abordagem lévinasiana, nas turmas do primeiro e terceiro ano do Ensino Médio.

Percebe-se, com a abordagem posterior, que os conceitos trabalhados por Lévinas podem auxiliar no processo de melhoria da compreensão que os educandos possuem da Filosofia. Geralmente, nada relacionado com o real papel da filosofia na sociedade atual, exemplos: a qualidade das reflexões dos educandos, condução para uma melhor interpretação textual, entre outras. Por ser uma

---

<sup>138</sup> MIRANDA, José Albuquerque de. *Levinas e a Reconstrução da Subjetividade Ética: Aproximações com o Campo da Educação*. Revista Brasileira de Educação, vol. 19, num. 57, abril – junho, 2014, p 473;



disciplina com mais de dois mil anos, muitos pensam que a filosofia é desnecessária. Como proposta, haverá a utilização dos conceitos de **Visitação** e **Encontro**.

### 3.1. A Visitação

Quando o educando dá início ao Ensino Médio, já teve contato com várias disciplinas ao longo da sua trajetória, porém uma delas reside como um mistério. Todos comentam algo a seu respeito, menos sobre qual é o seu real valor entre as disciplinas. Um primeiro contato com as abordagens filosóficas poderia ser chamado de **Visitação**. Aí há um descentramento. Estando em sala de aula, o educando vai em visita ao educador e este, em direção ao educando, a partir de textos. A primeira vista tem-se uma primeira impressão da turma que compõe uma determinada sala de aula: a sua face demonstra a dificuldade com a interpretação e do contato com os textos propriamente filosóficos. Percebe-se que alguns educandos possuem também dificuldades em desenvolver as suas ideias em público. Daí muitos confundirem dificuldade com impossibilidade. *“Talvez isso se deva ao fato de que, tradicionalmente, temos dado ao homem de ação mais valor do que ao homem de pensamento.”*<sup>139</sup> Então, o que há de diferente numa aula de filosofia? Esse lugar deve *“ser um espaço em que possa irromper o pensar do outro.”*<sup>140</sup> Essa abordagem relaciona-se com a proposta lévinasiana do respeito à alteridade - enquanto condição ética – que vem acolhido a partir do face a face.

Encontra-se em Zygmunt Bauman uma reflexão sobre o fenômeno por ele designado de **Agorafobia**<sup>141</sup>. Por vezes, é notável que existem educandos possuidores de habilidades e controle do ambiente virtual, mas no face a face, perdem-se em meio às pessoas e ideias. Provavelmente, porque lá não há necessidade do enfrentamento imposto pela abertura do falar em público. Basta um click no botão “delete” para excluir um oponente da reflexão e do diálogo. Destaca-

<sup>139</sup> OZMON, Howard. *Filosofia da Educação: Um Diálogo*. 10p;

<sup>140</sup> KOHAN, Walter O. *Filosofia: Caminhos para Seu Ensino*. 31p;

<sup>141</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: Consequências Humanas*. 1999;

se aqui a falta de uma intervenção que respeite as dificuldades dos educandos e lhes demonstre, de forma eficiente, métodos que venham a auxiliá-lo e conduzi-lo à superação desses obstáculos. Nesse ponto, podemos constatar, pela visitação, o princípio de um encontro como o momento mais efetivo para o educador identificar tais fenômenos em sala de aula. O ambiente ainda não é o ideal. As possibilidades das visitas são muitas, mas os encontros são raros.

Denomina-se, do mesmo modo que Lévinas, **visitação**, ao processo de ir em direção ao **outro** (que neste momento pode ser a Filosofia ou o educador) em sua plena alteridade. Particularmente, no primeiro ano do Ensino Médio, para turmas compostas por não repetentes, tudo na disciplina - para alguns - foi novidade. Geralmente, uma maior clareza sobre a reflexão filosófica começa a ser sentida no segundo bimestre.

Para turmas do terceiro ano, nota-se uma maior familiaridade com os temas e conceitos da Filosofia. Um grau maior de reflexão pode ser percebido e há uma melhor exposição de questionamentos pertinentes a conteúdos em sala de aula, mas, por vezes, Filosofia permanece, para alguns educandos, necessária apenas para o exame do ENEM, Exame Nacional do Ensino Médio. Se estiver pronto para a resolução de algumas questões, a Filosofia terá cumprido o seu papel e o educador será visto como muito competente. Certo está que a aprovação nos exames é muito importante para o educando, porém, não é esse o fim último de Filosofia no Ensino Médio.

Luc Ferry, em uma palestra para a UFRGS, Fronteiras do pensamento, relatou que, *“a Filosofia possui como papel tornarmos pessoas felizes e realizadas.”*<sup>142</sup> É uma visão, ainda, pouco compreendida pelos educandos. Falta uma compreensão maior sobre a apreensão do conhecimento que vai ser necessário para toda a vida. Chama a atenção o fato de que: *“Somos uma nação orientada para a ação, mas temos sido incapazes de verificar que também essa característica representa uma certa atitude filosófica, e uma atitude que necessita de grande dose de autoexame”*<sup>143</sup>. E talvez seja a única aventura possível, no sentido Lévinasiano de **obra**; uma atividade que possua princípio, meio e fim. Nela, a conclusão nada mais é que o retorno ao início e, assim, sucessivamente. Entende-se que a Filosofia possui essa característica de melhorar a qualidade das reflexões.

<sup>142</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-UF9Kc6mvfU>>. Acessado em: 18/03/2017

<sup>143</sup> OZMON, Howard. *Filosofia da Educação: Um Diálogo*. 10-11pp;

Daí a necessidade do educando perceber que o ensino superior, seja qual for o curso, inicia-se com a Filosofia ou com uma introdução a ela.

### 3.2. A Possibilidade do Encontro

Em sala de aula, nas turmas do primeiro ano, procurou-se ouvir os interesses dos educandos, partindo de suas dificuldades em compreender os temas que foram abordados nos primeiro e segundo bimestres e de como poderiam ser minimizadas essas lacunas. Muitos apresentavam desmotivação ou uma necessidade de refletir temas mais gerais. É, nesse contexto, que se percebe a visão de que a filosofia trata de tudo e não possui objetivos claros a serem alcançados. A insatisfação poderia ser notada na face de alguns educandos, por isso optou-se pelo diálogo franco e sem desvio; ouvi-los foi a melhor forma de flexibilizar o conteúdo a ser ministrado na aula de um determinado dia, pois *“...consideramos o professor como um filósofo, como um pensador capaz de escolher, decidir ou inventar sua proposta didática, já que não há metodologia possível se não se tem claro os objetivos filosóficos visados”*<sup>144</sup>. Foi nesse contexto que Walter O. Kohan relatou, *“...este desconforto ou incômodo, longe de ser um problema pedagógico ou didático, constitui, a meu juízo, algo essencial à prática filosófica”*<sup>145</sup>.

Assim se procurou definir uma forma de agregar os interesses dos educandos, para aqueles que queriam discutir temas de Filosofia fora do horário de aula. Depois de alguns **encontros**, foi criado o **GASH, Grupo de Filosofia da Ciência e Cosmologia Stephen Hawking**. Esse marco foi promovido pelos próprios educandos, o que muito chamou a atenção.

É de suma importância destacar que foram utilizados termos propriamente Lévinasianos de diálogo, olhar o rosto ou, como diz Lévinas, ouvir o rosto, pois o rosto fala a todo momento. Seja de frustrações, seja de interesse e encorajamento. É necessário a utilização desses pontos para uma reflexão mais

<sup>144</sup> KOHAN, Walter O. *Filosofia: Caminhos para Seu Ensino*. 39p;

<sup>145</sup> KOHAN, Walter O. *Filosofia: Caminhos para Seu Ensino*. 23p;

eficaz na busca pelo despertar, nos educandos, o interesse pela filosofia. Nas palavras de Walter O. Kohan: “*O aprendiz de filósofo filosofa quando cria, quando os conhecimentos com os quais conta são reordenados a partir de uma nova maneira de os interpelar*”<sup>146</sup>.

É do conhecimento de todos a importância e a relevância da tecnologia da informação para os dias atuais. Assim, os próprios educandos criaram um site do grupo. A princípio, o objetivo era o de chamar a atenção dos educandos de outras séries do Ensino Médio mas, posteriormente, tornou-se um lugar de diálogo sobre temas relevantes para os educandos e efetivados por eles mesmos. Os **encontros** ocorrem sempre às quartas e sextas-feiras na Escola Sant’Ana. Por iniciativa dos educandos, a direção concedeu uma sala com quadro, mesas, cadeiras e computador vinculado à internet. Ali acontecem palestras e encontros de reflexões promovidos pelos educandos das diversas séries do Ensino Médio.

Futuramente, nos encontros serão trabalhados os textos de Emmanuel Lévinas: “O Vestígio”, “O Rosto”, que auxiliarão na reflexão sobre a alteridade, o diálogo com a alteridade e o respeito; em um processo de escuta dos educandos e das suas motivações, abordando como a Filosofia – lévinasiana – pode colaborar com esse processo.

A partir do quarto bimestre, serão trabalhadas apresentações de artigos escritos pelos integrantes para a comunidade escolar. Haverá a culminância dos primeiros **encontros** promovidos pelo **GASH**. É importante relatar que o papel do educador, aqui, é o de mediar o diálogo e não de conduzi-lo. Ao mesmo tempo, percebe-se que não importa os recursos, os educandos gostam de desafios. Para o próximo ano, alguns integrantes estão interessados em ler textos básicos dos filósofos e refletir sobre o seu conteúdo.

O grande problema é o uso indevido da internet. O Google é procurado como se fosse um *oráculo* que possui todas as respostas para qualquer conceito ou reflexão. Para muitos estudiosos, é um problema que pode acarretar dificuldades de interpretação textual. Daí a necessidade da mediação do educador, pois a rapidez no acesso à informação prejudica a qualidade da apreensão de um conceito filosófico e de sua relevância para o cotidiano escolar dos educandos. Nesse ponto, temos duas posições, a de Pierre Levy e de Zygmunt Bauman. O primeiro ocupa a

---

<sup>146</sup> Ibidem, 31p;

posição de defensor das tecnologias da informação no processo de ensino-aprendizagem:

*“As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada. Não se pode conceber a pesquisa científica sem uma aparelhagem complexa.”<sup>147</sup>*

Já o segundo é mais ponderado, demonstrando, inclusive, os riscos de uma utilização indevida da internet. A utilização da tecnologia de informação, no processo de ensino-aprendizagem, já é uma realidade e não estamos discutindo a sua utilização, mas sim os modos de utilização. O próprio Pierre Lévy relata a importância da mediação dos educadores:

*“Hoje, nós podemos estar em dois lugares ao mesmo tempo. O banco de dados da internet funciona como uma biblioteca única de todo o mundo. E nós podemos usar essas informações, que podem estar em outros idiomas, porque já há ferramentas que traduzem tudo para nós. Esses três processos eu chamo de ubiquidade, interconexão e manipulação automática de símbolos. Essa é a nova situação que vivemos. Isso está ligado à educação, porque temos que preparar os alunos para essa nova realidade. Mas temos que nos preparar antes de ensinar.”<sup>148</sup>*

O risco é iminente quando não existe a orientação por parte dos educadores. Como auxiliá-los na utilização da internet como um instrumento de pesquisa? Como fazer uma citação de um site visitado ou de partes importantes para uma determinada pesquisa?

É nesse contexto que BAUMAN nos alerta para as perdas, seja do encontro face-a-face com o rosto do outro, seja a perda do próprio corpo. É um ambiente virtual e o mau uso da ferramenta é uma real possibilidade, evidentemente, quando não é mediado pelo educador. O puro ato de pensar requer um maior tempo de contato com o texto. A reflexão exige um tempo de contato com autores e obras, a fim de poder contextualizar, na tradição filosófica, como essa abordagem teve sua origem e foi discutida durante tempos, ou seja, sua contextualização histórica.

<sup>147</sup> LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da Informática*. 7p;

<sup>148</sup> Entrevista concedida a revista Gestão Educacional edição de fevereiro de 2013. Disponível em: <http://www.webaula.com.br/index.php/pt/acontece/noticias/2874-pierre-levy-fala-dos-beneficios-das-ferramentas-virtuais-para-a-educacao>> Visitado em: 20/03/2017;

Esse respeito pelo processo de ensino-aprendizagem é Ética. No contexto Lévinasiano, a sua filosofia é toda ela ética<sup>149</sup> e essa é a ética da responsabilidade. Sempre, nessa passagem, ao se retornar ao texto de Sant Exupéry, O Pequeno Príncipe - o encontro entre o menino e a raposa - surge a colocação: *“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”*<sup>150</sup>. Nesse contexto infere-se um novo modelo pedagógico que perpassa o respeito e a responsabilidade pela alteridade. *“o rosto impõe-se-me sem que eu possa deixar de ser considerado responsável pela sua miséria”*<sup>151</sup>.

Em uma sociedade egológica, iniciar reflexões e temas em sala de aula a partir do educando e de suas motivações, talvez remeta a uma condição frontal, o de escutar o Outro. *“Falar é antes de tudo essa forma de vir por detrás da sua aparência, por detrás da sua forma, uma abertura na abertura”*<sup>152</sup>.

Assim é a importância do educador em ser o mediador do processo, ao mesmo tempo, pode-se avaliar o quanto se perde em falsos encontros, caracterizados por educadores despreparados e sem motivação para a formação de educandos.

*“Mas a relação face a face não é apenas sonhada pelos filósofos, os quais, esquecidos do Ser, teriam cortado o <<pensamento objetivo>> das suas raízes profundas. Esta relação cumpre-se no acolhimento a Outrem onde, absolutamente presente, no seu rosto, Outrem – sem qualquer metáfora – me faz frente.”*<sup>153</sup>

Provavelmente seja esse o motivo de tanto desconforto no qual, na atualidade, alguns educadores e educandos estão envolvidos. Desconforto promovido pelo engessamento do currículo e falta de encontros reais surgidos no ato mesmo do diálogo entre dois seres em busca do conhecimento - tradicionalmente denominado de ensino-aprendizagem. A sala de aula ainda é um lugar de incômodo, alguns educadores são descompromissados com o processo. Faltam a hospitalidade e o diálogo, características da nossa sociedade tecnocrata. O século XX foi marcado por um rasgo na história. O holocausto é um indicativo que a alteridade é ontonegativa e envolvida com a concepção do existencialismo sartriano, pois para esse filósofo o outro é o inferno. É ele quem julga e rotula os demais.

<sup>149</sup> BUCKS, René. *A Bíblia e a Ética: As Relações Entre a Sagrada Escritura e Filosofia de Emmanuel Lévinas*;

<sup>150</sup> EXUPÉRY, Sant. *O Pequeno Príncipe*;

<sup>151</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Descobrimo a Existência com Husserl e Heidegger*. 236p;

<sup>152</sup> Idem;

<sup>153</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Descobrimo a Existência com Husserl e Heidegger*. 226p;

## **Considerações Finais**

A sala de aula ainda é o lugar privilegiado para a reflexão sobre as implicações da decência na formação da consciência crítica dos educandos, tanto no início do ensino médio quanto no seu término. A relação entre educador e educando deveria apontar para uma hospitalidade entre dois mundos que são o do educador de Filosofia e o do educando. Por questões históricas, esses dois mundos se distanciaram, mas a partir de 2008, voltaram a coexistir. A distância e o tempo retiraram, do cenário do educando, a necessidade do estudo de Filosofia e as suas implicações para a sua formação e concretização de sonhos futuros.

O que leva à efetuação de uma nova fase: agregar educadores de outras disciplinas para trabalhar em conjunto com o educador de Filosofia. Esse processo, denominado interdisciplinaridade, auxiliaria no resgate do diálogo da Filosofia com outras áreas do saber; promoveria a redescoberta do processo reflexivo propiciado

na apreensão e nas abordagens dos conceitos pertinentes ao ato filosófico e educacional.

Percebe-se que, quando o educador de Filosofia é efetivo, facilita bastante a implantação de uma proposta, já que ele sempre tem que produzir o planejamento anual. Nele, contempla-se a abordagem lévinasiana durante o ano e estabelece-se modificações necessárias nos anos posteriores, contudo, o designado poderá fazer uso do Planejamento Pedagógico da escola, a fim de viabilizar o projeto do ensino de Filosofia a partir da perspectiva lévinasiana.

Muitas propostas para o Ensino de filosofia no Ensino Médio já foram apresentadas, no intuito de apontar para um itinerário mais confortável nesse campo, por vezes, apontado como tão complexo para a prática filosófica em sala de aula. Vários artigos sobre a contribuição da reflexão lévinasiana, para essa temática, têm surgidos, não só no Brasil, mas também em outros países. Vista assim, a Filosofia deve ser compreendida como a forma de retirar as vendas que o cotidiano promove na mente do educando, fazendo com que a rapidez das informações lhe demonstrem que é impossível a compreensão de termos especificamente filosóficos; ao mesmo tempo, auxilia no processo de reflexão, de pensar por si e de forma adequada. As falhas do ensino regular são perceptíveis, quando a capacidade de interpretação textual dos nossos educandos são mensuradas por avaliações como o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), ou quando inscritos em um concurso público.

Assim, deve-se refletir sobre as origens dessa falha, os modos, as possibilidades para sua correção e uma possível retomada do caminho mais viável. Compreende-se que o Ensino de Filosofia tem um papel primaz para contribuir com essa tomada de consciência e de, modo particular, pela abordagem lévinasiana.

Outro ponto que merece destaque é a reflexão sobre o currículo. Não se efetiva uma reflexão mais densa sobre o assunto nesse trabalho, uma vez que poderia servir de tema em uma próxima pesquisa, podendo abordar não somente o currículo, mas também o próprio ato de educar, ou seja, uma educação que possua como base a alteridade e o diálogo. Com a alteridade em vista de uma educação para o outro.



## Referências

ALFANO, Bruno. *Zygmunt Bauman: “Há uma Crise de Atenção”*. In O Globo; Disponível em: << <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/ha-uma-cri-se-de-atencao-17476629>.>> Acesso em: 13/03/2016;

ALMEIDA, Maria Isabel. *Culturas Jovens: Novos Mapas do Afeto*. Ed. Zahar: Rio de Janeiro, RJ; 2006. 236pp.

APIS, Renata Lima et al. *Ensinar Filosofia: Um Livro para Professores*. Ed. Atta: São Paulo, SP; 2009. 149pp.

BACHELARD, Gaston. *A Formação do Espírito Científico*. Ed. Contraponto: Rio de Janeiro, RJ. 1996. 316p.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: Consequências Humanas*. Ed. Zahar: Rio de Janeiro, RJ; 1999. 148pp.

BOYER, Alain. *Filosofia Política*. Ed. Unisinos: São Leopoldo, RS; 2001. 224pp.

BUCKS, René. *A Bíblia e a Ética: As Relações Entre a Sagrada Escritura e Filosofia de Emmanuel Lévinas*. Ed. Loyola: São Paulo, S.P.; 1997. 224pp.

CAMPANER, Sônia. *Filosofia: Ensinar e Aprender*. Ed. Saraiva: São Paulo, SP; 2012. 240pp.

COSTA, Márcio Luiz. *Lévinas: Uma Introdução*. Ed. Vozes: Petrópolis, Rio de Janeiro, R.J. 240pp.

GHEDIN, Evandro. *Ensino de Filosofia no Ensino Médio*. Ed. Cortez: São Paulo; 2009. 255pp.

GILMAR FRANCISCO BONAMIGO. Primeira aproximação à obra de Emmanuel Lévinas. *SÍNTESE*, Belo Horizonte: O Lutador, v. 32, n. 102, jan. / abr. 2005. 77-104 pp.

\_\_\_\_\_ *SÍNTESE*, Belo Horizonte: O Lutador, v. 32, n. 102, jan. / abr. 2005. 55-65pp.

HUSSERL, Edmund. *Meditações Cartesianas: Introdução à Fenomenologia*. Ed. Madras: São Paulo, SP; 2001. 173pp.

KOHAN, Walter O.(Org.). *Filosofia: Caminhos Para o Seu Ensino*. Ed. Lamparina: Rio de Janeiro, 2008. 191pp.

LÉVINAS, Emmanuel. *Descobrimo a Existência com Husserl e Heidegger*. Ed. Instituto Piaget: Lisboa; 1997. 288pp.

\_\_\_\_\_ *De Deus que Vem à Ideia*. Ed. Vozes: Petrópolis; 2002. 238pp.

\_\_\_\_\_ *Humanismo do Outro Homem*. Ed. Vozes: Petrópolis; 1997. 131pp.

\_\_\_\_\_ *Entre Nós*. Ed. Vozes: Petrópolis; 1998. 300pp.

\_\_\_\_\_ *Do Sagrado ao Santo: Cinco Novas Interpretações Talmúdicas*. Ed. Civilização Brasileira: São Paulo; 1996. 208pp.

\_\_\_\_\_ *Difficult Freedom: Essays on Judaism*. Ed. John Hopkins University Press; 1997. 295pp.

\_\_\_\_\_ *Totalidad e Infinito*. Ed. Sígueme: Salamanca; 2002. 311p.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Ed. 34: São Paulo; 1999. 229pp.

\_\_\_\_\_. *Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da Informática*. Ed. 34: Rio de Janeiro, RJ; 1993. 208pp.

NOVAES, José Luís Corrêa et al (Orgs.). *A Filosofia e Seu Ensino: Desafios Emergentes*. Ed. Sulina: Porto Alegre, RS; 2014. 215pp.

ORWELL, George. *1984*. Ed. Claroenigma: São Paulo, SP; 2010. 414pp.

OZMON, Howard. *Filosofia da Educação: Um Diálogo*. Ed. Zahar: Rio de Janeiro, RJ; 1975. 130pp.

PALFREY, John. *Nascidos na Era Digital: Entendendo a Primeira Geração de Nativos Digitais*. Ed. Grupo A: Porto Alegre, RS; 2011. 352pp.

PENIN, Sonia Terezinha de Sousa. *A Aula: Espaço de Conhecimento, Lugar de Cultura*. Ed. Papirus: Campinas, SP; 1994. 181pp.

RODRIGO, Lidia Maria. *Filosofia em Sala de Aula: Teoria e Prática Para o Ensino Médio*. Ed. Autores Associado: Campinas, SP; 2014. 278pp.

SOUZA, José Tadeu de. *Alteridade e Educação em Lévinas*. *Perspectiva Filosófica*, Recife, v. II, n. 38, ago./dez. 2012. 75-90pp.

TORRES, Carlos Brum (Org.). *Manual de Ética: Questões de Ética Teórica e Aplicada*. Ed. Vozes: Petrópolis, RJ; 2014. 753pp.